

Lista anotada dos morcegos do Estado do Rio de Janeiro, sudeste do Brasil

Adriano L. Peracchi^{1*} e Marcelo R. Nogueira¹

1. Laboratório de Mastozoologia, Instituto de Biologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 23.890-000, Seropédica, RJ, Brasil.

*Corresponding author. E-mail: alperacchi@yahoo.com.br

Resumo:

O Estado do Rio de Janeiro tem um longo histórico de pesquisas com morcegos, com registros que datam desde a época dos viajantes quinhentistas. Atualmente é considerado um dos Estados brasileiros melhor conhecidos quanto à composição de sua fauna, mas novos registros vêm sendo acrescentados a cada ano. A partir de uma revisão da literatura histórica e atual, apresentamos aqui uma lista atualizada de espécies e evidenciamos os principais responsáveis pelo desenvolvimento da quiropterologia fluminense. A lista aqui reportada inclui 77 espécies, 43 gêneros e oito famílias, números que podem ser considerados elevados, quando confrontados com os conhecidos para a Mata Atlântica do sudeste brasileiro e para todo o país. *Noctilio albiventris* é aqui reportada pela primeira vez para o Estado do Rio de Janeiro. São apontadas algumas direções para pesquisas futuras visando não só a consolidação da presente lista, como a sua ampliação.

Palavras-chave: Chiroptera, distribuição geográfica, localidade-tipo, *Noctilio albiventris*, Mata Atlântica

Abstract:

Check list of bats from the state of Rio de Janeiro, southeastern Brazil - The state of Rio de Janeiro has a long history of bat records, dating from the time of the cinquecentist travelers. Currently, it is considered one of the most well studied Brazilian states regarding the bat fauna, but new records continue to be added each year. Here, we provide an updated checklist of bat records from Rio de Janeiro and identified the major contributors to the knowledge of the fluminense chiropterology. The list reported here includes 77 species, 43 genera, and eight families, numbers that can be considered high when compared to those currently known for the Atlantic Forest of southeastern Brazil and for the whole country. *Noctilio albiventris* is reported for the first time in the state of Rio de Janeiro. We conclude pointing out some directions aiming not only the consolidation of the current list, but also its improvement.

Key-words: Chiroptera, geographic distribution, type-locality, *Noctilio albiventris*, Atlantic Forest.

Introdução

O Rio de Janeiro é considerado hoje um dos estados brasileiros mais bem estudados em relação aos morcegos (Bergallo et al. 2003). Essa posição é resultado de um longo histórico de pesquisas, facilitadas por uma condição político-econômica privilegiada desde os tempos do Brasil colonial. Embora inicialmente a área onde hoje se encontra o Estado do Rio tenha recebido pouca atenção dos portugueses, a atuação de franceses liderados por Nicolas Durand de Villegagnon na baía de Guanabara, em 1555, interessados em instalar ali a França Antártica (Mariz 2008), tornou a região alvo de acirrada disputa internacional (Drummond 1997). Por questões estratégicas, em 1o de março de 1565 foi fundada a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (Belchior 2008), que já na segunda metade do século XVII, com 30.000 habitantes era a cidade mais populosa do Brasil (Coaracy 1955). Foi no século XIX, entretanto, quando se constituía no principal porto nacional, que a cidade do Rio de Janeiro alcançou grande prosperidade, com a transferência da corte portuguesa para o Brasil (Fontes 2007). Do ponto de vista científico, esse período teve grande importância, já que com a abertura dos portos às

nações amigas, teve início um ciclo de visitas de naturalistas europeus, que, não por acaso, iniciavam suas expedições pelo Rio de Janeiro (Vanzolini 2004). Conforme destacado mais adiante, esse período marca o início das atividades científicas com morcegos no Estado.

O destacado papel do Estado do Rio de Janeiro no cenário nacional viria a se consolidar nos períodos seguintes, nos quais a cidade do Rio de Janeiro vicejou como capital do Império do Brasil e, em seguida, capital da República do Brasil, "status" que só veio a perder na década de 60 do século passado. Foi no Rio de Janeiro que surgiu a primeira instituição científica do país, o Museu Nacional (Banco Safra 2007), e algumas das primeiras universidades brasileiras, destacando-se dentre essas, pela ênfase na quiropterologia, a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Seguindo uma tendência nacional de aumento no interesse pelo estudo dos morcegos (Brito et al. 2009), diversas instituições de ensino superior e pesquisa do Estado do Rio de Janeiro abrigam hoje grupos envolvidos no estudo desses mamíferos, seja sob um viés zoológico ou médico-sanitário. Esse crescente interesse, aliado à facilidade de obtenção e uso das redes de neblina, tem

implicado em um aumento contínuo no número de táxons conhecidos para o Estado (Esbérard e Bergallo 2005a), o que tem tornado as listas de espécies rapidamente desatualizadas.

No presente estudo fornecemos uma lista revisada e atualizada de espécies de morcegos para o Estado do Rio de Janeiro, lista essa que precedemos de um breve histórico e que enriquecemos com um novo registro assinalado a partir de material depositado em coleção.

Material e Métodos

Para efeito da lista aqui apresentada foram considerados apenas registros provenientes de trabalhos reconhecidos como publicados, de acordo com os artigos 8 e 9 do Código Internacional de Nomenclatura Zoológica (ICZN 2005). Adicionalmente, foi incluído um novo registro com base em material depositado na Coleção Adriano Lúcio Peracchi, do Laboratório de Mastozoologia da UFRRJ. As medidas fornecidas para esse espécime foram obtidas com o auxílio de um paquímetro digital com precisão de 0,01 mm, e levando-se em consideração as descrições de variáveis fornecidas por Simmons e Voss (1998).

A seqüência de apresentação das famílias aqui mencionadas segue aquela adotada por Simmons (2005) e Gardner (2008), que reflete relações de parentesco entre os táxons. Para as subfamílias de Phyllostomidae retivemos aqui o arranjo adotado por Wetterer et al. (2000), reconhecendo, entretanto, a validade de Lonchophyllinae (Baker et al. 2003; Griffiths e Gardner 2008; Datzmann et al. 2010). A nomenclatura e a taxonomia nos níveis de gênero e espécie seguem, em grande parte, as proposições dos diversos autores que trabalharam na obra editada por Gardner (2008). *Dermanura*, entretanto, é reconhecido como gênero válido (Hoffer et al. 2008, Redondo et al. 2008, Solari et al. 2009) e *Natalus espiritosantensis* (Ruschi, 1951) é usado no lugar de *Natalus stramineus* Gray, 1838 (Tejedor 2006). *Artibeus jamaicensis* e *A. planirostris* tem aparecido simultaneamente em listas para o Estado do Rio de Janeiro (e.g., Bergallo et al. 2003, Rocha et al. 2004, Esbérard e Bergallo 2005a), mas atribuímos esses registros à adoção de diferentes arranjos sistemáticos pelos autores dos trabalhos primários nos quais essas listas se basearam. Até onde se sabe, essas espécies não ocorrem em simpatria, já que *A. planirostris* se distribui ao sul do rio Orinoco e *A. jamaicensis* ao norte (Lim 1997, Marques-Aguiar 2008). Gêneros e espécies são apresentados aqui em ordem alfabética.

Dois registros citados em listas anteriores para o Rio de Janeiro não foram incluídos aqui por terem se mostrado equivocados. Esbérard et al. (1996a) e Rocha et al. (2004) reportaram *Eumops bonariensis* (Peters, 1874), mas de acordo com dados apresentados por Esbérard e Bergallo (2005b) o táxon em questão é *Cynomops abrasus* (Temminck, 1826; ver Eger [2008] para data da descrição original desse

táxon). Rocha et al. (2004) reportaram *Molossops greenhalli* (= *Cynomops greenhalli* Goodwin, 1958), mas o material referente a essa espécie é o mesmo que deu origem ao registro de *E. bonariensis*, correspondendo a espécimes de *C. abrasus* (C.E.L. Esbérard, com. pess.).

Resultados e Discussão

Breve histórico da quiropterologia em território fluminense

Os relatos mais antigos sobre morcegos no Estado do Rio de Janeiro foram feitos pelos viajantes Hans Staden e Jean de Léry. O primeiro deles, que esteve em 1548 na região onde atualmente se encontra o município de Angra dos Reis, fez o seguinte relato que indica a ocorrência de *Desmodus rotundus* (É. Geoffroy, 1810): “Enquanto estive entre os selvagens, sugaram-me muitas vezes os dedos do pé. Ao acordar é que via então os dedos ensangüentados. Mas nos selvagens, mordiam-lhes em geral a cabeça” (Staden 1930, p.174). A citação seguinte consta da, também interessante, narrativa do calvinista Jean de Léry, encontrada em sua obra “Viagem à terra do Brasil”, originalmente publicada em 1578 (Léry 1998, p.26): “Nesse país existem morcegos do tamanho das nossas pequenas gralhas. Entram dentro das casas e se encontram alguém dormindo com o pé descoberto atacam logo o dedão e sugam não raro um púcaro de sangue sem que a vítima o perceba. Por isso quando despertávamos pela manhã muito nos admirávamos de ver sangue nas roupas de cama e nas adjacências. Mas os selvagens não se incomodam em absoluto com isso e ainda caçoam dos que são mordidos. Deuse o caso comigo e, além do motejo de que fui vítima, durante dois ou três dias senti dificuldade em calçar-me por ter ofendida a extremidade do dedão, embora não fôsse grande a dor”. Léry chegou ao Brasil em 1576 e depois de expulso do Forte de Villegaignon com outros protestantes, ficou na baía de Guanabara por mais dois meses, na companhia dos índios Tupinambás.

Com as descrições de *Glossophaga caudifer* (= *Anoura caudifer*) e *Glossophaga amplexicauda* (= *Carollia perspicillata* (Linnaeus, 1758)) por Étienne Geoffroy Saint-Hilaire, em 1818, temos as primeiras menções científicas aos morcegos do Estado do Rio de Janeiro. Esse naturalista, entretanto, não esteve no Brasil, tendo baseado suas descrições em material coletado pelos Delalande (“Delalande fils”) e por Auguste de Saint-Hilaire (Carter e Dolan 1978). O Rio de Janeiro consta ainda como localidade-tipo de outras 11 espécies descritas durante o século XIX (Tabela 1), das quais três são aceitas como válidas: *Molossus perotis* Schinz, 1821 (= *Eumops perotis*), *Anoura geoffroyi* Gray, 1838, que teve sua localidade-tipo limitada ao Rio de Janeiro por Vieira (1942) (ver comentários em Husson 1962 e Griffiths e Gardner 2008), e *Phyllostoma pusillum* Wagner, 1843 (= *Vampyressa pusilla*). Assim como Étienne Geoffroy, nenhum dos autores dessas espécies esteve

Tabela 1. Espécies descritas com base em material coletado no Estado do Rio de Janeiro no século XIX, com as respectivas localidades-tipo e “status” atual baseado em Gardner (2008).

Espece	Autor	Ano	Pag	Localidade-tipo	“Status” atual
<i>Glossophaga caudifer</i>	É. Geoffroy	1818	418	“Rio de Janeiro”	<i>Anoura caudifer</i>
<i>Glossophaga amplexicauda</i>	É. Geoffroy	1818	418	“Le Brésil, aux environs de Rio-Janeiro”	<i>Carollia perspicillata</i>
<i>Phyllostoma superciliatum</i>	Schinz	1821	163	“Rio de Janeiro, Fazenda von Tapebucú”	<i>Artibeus lituratus</i>
<i>Molossus perotis</i>	Schinz	1821	870	“Villa de São Salvador dos Campos dos Goaytacases”, definida por Wied	<i>Eumops perotis</i>
<i>Vampyrus soricinus</i>	Spix	1823	65	“Rio de Janeiro et ad fluvium St. Francisci”	<i>Carollia brevicauda</i>
<i>Glossophaga amplexicaudata</i>	Spix	1823	66	“Rio de Janeiro”	<i>Glossophaga soricina</i>
<i>Anoura geoffroyi</i>	Gray	1838	490	“Brazil”, limitada ao Rio de Janeiro por Vieira (1942)	<i>Anoura geoffroyi</i>
<i>Phyllostoma pusillum</i>	Wagner	1843	366	“Sapitiva”	<i>Vampyressa pusilla</i>
<i>Dysopes holosericeus</i>	Wagner	1843	368	“Rio de Janeiro”	<i>Molossus rufus</i>
<i>Emballonura insignis</i>	Wagner	1855	695	“Umgebung von Rio Janeiro”	<i>Saccopteryx bilineata</i>
<i>Anura wiedii</i>	Peters	1869	398	“Rio Janeiro”	<i>Anoura geoffroyi</i>
<i>Phyllostoma chrysosema</i>	Natterer	1883	35	“Rio Janeiro”	<i>Sturnira lilium</i>
<i>Molossus fluminensis</i>	Lataste	1891	658	“Rio Janeiro”	<i>Molossus rufus</i>

no Rio de Janeiro. Os tipos de *E. perotis* e *V. pusilla* foram coletados, respectivamente, pelo zoólogo alemão Maximilian Alexander Phillip, o príncipe de Wied-Neuwied, e pelo austríaco Johann Natterer, considerado naturalista-maior do Brasil (Straube 2000). O coletor do holótipo de *A. geoffroyi* é desconhecido (Carter e Dolan 1978).

Do rico material coletado por Wied e Natterer saíram ainda os holótipos de mais cinco dos 13 táxons com localidade-tipo no Rio de Janeiro. Da parte de Wied, foram descritas *Phyllostoma superciliatum* Schinz 1821 (= *Artibeus lituratus* (Olfers, 1818)) e *Anura wiedii* Peters, 1869 (*Anoura geoffroyi*), e da parte de Natterer *Dysopes holosericeus* Wagner, 1843 (= *Molossus rufus* É. Geoffroy, 1805), *Emballonura insignis* Wagner, 1855 (= *Saccopteryx bilineata* (Temminck, 1838)) e *Phyllostoma chrysosema* (= *Sturnira lilium* (É. Geoffroy, 1810)), cuja descrição, com autoria de Natterer, só foi publicada em 1883, dentro da obra do ornitólogo e também austríaco August von Pelzeln. Nessa importante obra, Pelzeln (1883) cita ainda outras 12 espécies amostradas no Rio de Janeiro (Tabela 2), cinco delas registradas pela primeira vez no Estado (Tabela 3). *Vespertilio nubilus* Wagner, 1855 (= *Myotis levis* (I. Geoffroy, 1824)) é um caso particular, já que Wagner reporta o material-tipo como procedente do sul do Brasil, mas consta, através Pelzeln (1883), que as localidades envolvidas foram “Registro do Sai”, no Rio de Janeiro, e “Ipanema”, em São Paulo. De acordo com Wilson (2008), não há localidade-tipo definida para esse táxon.

Vampyrus soricinus Spix, 1823 (= *Carollia brevicauda* (Schinz, 1821)), *Glossophaga amplexicaudata* Spix, 1823 (= *Glossophaga soricina*) e *Molossus fluminensis* Lataste, 1891 (= *Molossus rufus*) completam a lista de táxons descritos no século

XIX com base em material fluminense (Tabela 1). De acordo com Carter e Dolan (1978), *G. amplexicaudata* não tem coletor conhecido, e *M. fluminensis* tem seu nome associado a “Naegeli; 1873”. Mais recentemente, LaVal (1973) designou como neótipo de *Myotis nigricans* (Schinz, 1821) um exemplar colecionado no “Km 42 antiga Rodovia Rio-São Paulo, município de Itaguaí” (Figura 1), que passou, então, a ser a localidade-tipo da espécie. Essa localidade está atualmente inserida no município de Seropédica.



Figura 1 – Neótipo de *Myotis nigricans* designado por LaVal (1973) e coletado no atual município de Seropédica, zona oeste do Estado do Rio de Janeiro.

Ainda com respeito ao século XIX, uma obra que cita importantes registros de morcegos para o Estado do Rio de Janeiro é o Catálogo de Chiroptera do Museu Britânico, publicado pelo zoólogo George Edward Dobson (1878).

Tabela 2 – Lista de espécies citadas por Pelzeln (1883) para o Estado do Rio de Janeiro, com os respectivas localidades (como citado pelo autor) e o “status” atual.

Espécie	Localidade	“Status” atual
<i>Phyllostoma hastatus</i>	“Rio Janeiro”	<i>Phyllostomus hastatus</i>
<i>Vampyrus (Lophostoma) amblyotis</i>	“Rio Janeiro”	<i>Lophostoma silvicolum</i>
<i>Vampyrus (Carollia) brevicaudum</i>	“Sapitiba”	<i>Carollia perspicillata</i>
<i>Glossophaga soricina</i>	“Rio Janeiro”	<i>Glossophaga soricina</i>
<i>Lonchoglossa caudifera</i>	“Rio Janeiro”	<i>Anoura caudifer</i>
<i>Stenoderma (Artibeus) perspicillatus</i>	“Rio Janeiro”	<i>Artibeus lituratus</i>
<i>Stenoderma (Chiroderma) pusillum</i>	“Sapitiba”	<i>Vampyressa pusilla</i>
<i>Stenoderma (Sturnira) excisum</i>	“Rio”	<i>Sturnira lilium</i>
<i>Phyllostoma chrysosema</i>	“Rio Janeiro”	<i>Sturnira lilium</i>
<i>Emballonura (Urocryptus) insignis</i>	“Registro do Sai”	<i>Saccopteryx bilineata</i>
<i>Molossus holosericeus</i>	“Rio Janeiro”	<i>Molossus rufus</i>
<i>Vespertilio parvulus</i>	“Insel “Marambaya”	<i>Myotis nigricans</i>
<i>Vespertilio nubilus</i>	“Registro do Sai”	<i>Myotis levis</i>

Das nove espécies assinaladas para o Rio de Janeiro, cinco ainda eram desconhecidas no Estado (Tabela 3). A maioria dos espécimes que permitiram esses registros foi comprada por Edward Smith-Stanley (13o Conde de Derby), havendo ainda material adquirido por George Busk e material procedente da viagem do HMS “Rattlesnake” (Dobson 1878). Já no século XX, têm início as contribuições nacionais, dentre as quais pode-se destacar, primeiramente, o trabalho do naturalista do Museu Paulista, João Leonardo Lima, onde oito espécies são assinaladas para o território fluminense (Lima 1926), uma delas representando nova ocorrência.

No período de 1934 a 1936, uma série de contribuições pouco citadas na literatura científica foi publicada pelo Assistente Esperidião de Queiroz Lima e pelo Assistente-Chefe, Sylvio Torres, médicos veterinários do Ministério da Agricultura e que trabalhavam na Estação Experimental de Deodoro, do Instituto de Biologia Animal do Departamento Nacional de Produção Animal, sediada na zona oeste do município do Rio de Janeiro. Esses pesquisadores produziram vários trabalhos envolvendo a participação dos morcegos hematófagos na transmissão da raiva parálitica dos herbívoros e de outras doenças (Lima 1934a, b; Torres, 1934, 1935a, b, 1936; Torres e Lima 1935, 1936).

Pouco mais tarde, Carlos Otaviano da Cunha Vieira tem publicado o seu trabalho clássico – “Ensaio monográfico sobre os quirópteros do Brasil” (Vieira 1942), onde assinala 25 espécies para o Rio de Janeiro, das quais 20 tiveram como base espécimes depositados na coleção do Departamento de Zoologia de São Paulo, hoje Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, e do Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Subseqüentemente, esse mesmo autor assinalou, embora dessa vez sem mencionar material de referência, 23 espécies com ocorrência no Rio de Janeiro (Vieira 1955). A discrepância entre essa lista e a anterior se deve ao fato de que, embora novos e importantes registros tenham sido adicionados, cinco espécies relacionadas para o Rio de Janeiro na lista de 1942 não foram citadas novamente em 1955. Diversos coletores contribuíram para a formação do acervo examinado por Vieira, merecendo destaque, em relação ao material do Rio de Janeiro, a participação do naturalista-viajante Ernesto Garbe, e dos eminentes acadêmicos Lauro Travassos Filho e Alípio Miranda Ribeiro. Ao todo, oito novas ocorrências para o Rio de Janeiro resultaram dos trabalhos de Vieira.

Em 1947, David E. Davis publica pequeno trabalho versando sobre alguns mamíferos da região de Teresópolis, RJ, incluindo quatro espécies de morcegos (Davis 1947). Um novo registro também esteve envolvido nessa contribuição.

Não podemos deixar de mencionar as contribuições de Silveira (1965, 1968), onde são assinaladas diversas espécies de morcegos ocorrendo

no então Estado da Guanabara. Esse autor assinala a ocorrência de cinco espécies no primeiro trabalho e 12 no segundo. Contudo, não são mencionados exemplares colecionados, examinados ou depositados em coleção científica, parecendo que esse autor meramente reuniu informações existentes na literatura da época.

Entretanto, os conhecimentos existentes sobre os quirópteros que ocorriam no país ainda deixavam muito a desejar, tanto no que diz respeito à sistemática, como também no tocante à bionomia da maioria das espécies. Contribuíam para essa situação a escassez de pessoal especializado no desenvolvimento de trabalhos de campo e de laboratório e o pequeno número de coleções seriadas desses mamíferos. Por essa razão, e considerando os prejuízos sempre crescentes causados à pecuária nacional pela raiva parálitica dos herbívoros, importante zoonose transmitida, principalmente, por morcegos hematófagos, resolveu o Governo Brasileiro, em 1967, convidar o Dr. Bernardo Villa Ramirez, da Universidade Nacional Autônoma do México e consultor da FAO e da OMS, para desenvolver atividades visando à formação de pessoal devidamente qualificado para desenvolver pesquisas sobre os quirópteros e suas relações com o vírus rábico.

Como fruto dessa orientação, e graças aos auxílios concedidos pelo CNPq, a partir de 1967 o Prof. Adriano Lúcio Peracchi deu início, no Instituto de Biologia da UFRRJ, ao estudo sistemático e bionômico dos quirópteros neotropicais. Em conseqüência, teve esse pesquisador a oportunidade não só de organizar uma coleção mastozoológica naquela instituição, como também de se familiarizar com os vários métodos de coleta, iniciando a obtenção de dados ecológicos e etológicos de numerosas espécies. Assim, pouco depois foi publicado o primeiro trabalho sobre o assunto (Peracchi 1968), elaborado nas dependências da cadeira de Zoologia Agrícola da Escola Nacional de Agronomia, que viria se transformar no atual Laboratório de Mastozologia da UFRRJ. Algum tempo depois, o Prof. Sila Tenório de Albuquerque passou a colaborar com o Prof. Peracchi, sendo publicados vários trabalhos sobre os quirópteros (Peracchi e Albuquerque 1971a, b, 1976, 1985, 1986, 1993; Peracchi 1986). A esses docentes veio a se juntar o acadêmico Rogério Serrão Piccinini, que graças à bolsa de Iniciação Científica do CNPq, passou também a colaborar nos trabalhos em andamento. Pouco depois, Piccinini é transferido para a Faculdade de Veterinária do Ceará onde completa o seu curso de graduação em 1970 e somente em 1974 retorna ao Km 47, onde novamente passa a colaborar com a equipe do Laboratório de Mastozologia, sendo publicados vários trabalhos relacionados com o controle de morcegos hematófagos (Piccinini et al. 1985, 1986, 1991, 1998). Em meados de 1978, o biólogo Sérgio Furtado dos Reis passou a ser

Tabela 3. Morcegos registrados no Estado do Rio de Janeiro até junho de 2010, com a primeira referência na qual a espécie foi citada para o Estado e seu estado de conservação (EC).

Espécie	Fonte	EC
Emballonuridae		
<i>Peropteryx kappleri</i> Peters, 1867	Vieira (1942)	
<i>Peropteryx macrotis</i> (Wagner, 1843)	Vieira (1955)	
<i>Rhynchonycteris naso</i> (Wied-Neuwied, 1820)	Peracchi e Albuquerque (1971a)	
<i>Saccopteryx bilineata</i> (Temminck, 1838)	Wagner (1855) apud Hood e Gardner (2008)	
<i>Saccopteryx leptura</i> (Schreber, 1774)	Nogueira et al. (2002)	
Phyllostomidae		
Desmodontinae		
<i>Desmodus rotundus</i> (É. Geoffroy, 1810)	Torres e Lima (1935)	
<i>Diaemus youngii</i> (Jentink, 1893)	Peracchi e Albuquerque (1971a)	VU/-
<i>Diphylla ecaudata</i> Spix, 1823	Davis (1947)	
Phyllostominae		
<i>Chrotopterus auritus</i> (Peters, 1856)	Dobson (1878)	
<i>Glyphonycteris sylvestris</i> Thomas, 1896	Dias et al. (2003)	
<i>Lonchorhina aurita</i> Tomes, 1863	Peracchi e Albuquerque (1986)	
<i>Lophostoma brasiliense</i> Peters, 1867	Bergallo et al. (2003) ²	
<i>Lophostoma silvicolum</i> d'Orbigny, 1836	Pelzelin (1883)	
<i>Macrophyllum macrophyllum</i> (Schinz, 1821)	Peracchi e Albuquerque (1971a)	
<i>Micronycteris hirsuta</i> (Peters, 1869)	Esbérard (2004)	
<i>Micronycteris megalotis</i> (Gray, 1842)	Peracchi e Albuquerque (1971a)	
<i>Micronycteris microtis</i> Miller, 1898	Peracchi e Nogueira (2008)	
<i>Micronycteris minuta</i> (Gervais, 1856)	Peracchi e Albuquerque (1985)	
<i>Mimon bennettii</i> (Gray, 1838)	Peracchi e Albuquerque (1986)	VU/VU
<i>Mimon crenulatum</i> (É. Geoffroy, 1803)	Baptista e Mello (2001) ³	VU/-

<i>Espécie</i>	Fonte	EC
<i>Phylloderma stenops</i> Peters, 1865	Bergallo et al. (2003) ⁴	VU/-
<i>Phyllostomus discolor</i> (Wagner, 1843)	Esbérard (2003)	
<i>Phyllostomus elongatus</i> (É. Geoffroy, 1810)	Vieira (1942)	
<i>Phyllostomus hastatus</i> (Pallas, 1767)	Pelzeln (1883)	
<i>Tonatia bidens</i> (Spix, 1823)	Dobson (1878)	
<i>Trachops cirrhosus</i> (Spix, 1823)	Peracchi et al. (1982)	-/VU
Glossophaginae		
<i>Anoura caudifer</i> (É. Geoffroy, 1818)	Geoffroy (1818)	
<i>Anoura geoffroyi</i> Gray, 1838	Gray (1838)	
<i>Glossophaga soricina</i> (Pallas, 1766)	Spix (1823)	
Lonchophyllinae		
<i>Lonchophylla bokermanni</i> Sazima, Vizotto & Taddei, 1978	Taddei et al. (1988) ⁵	VU/-
<i>Lonchophylla mordax</i> Thomas, 1903	Esbérard et al. (1997a)	
Carolliinae		
<i>Carollia brevicauda</i> (Schinz, 1821)	Spix (1823) ⁶	
<i>Carollia perspicillata</i> (Linnaeus, 1758)	Geoffroy (1818)	
Stenodermatinae		
<i>Artibeus fimbriatus</i> Gray, 1838	Handley (1989)	
<i>Artibeus lituratus</i> (Olfers, 1818)	Wied-Neuwied (1826) apud Marques-Aguiar (2008)	
<i>Artibeus obscurus</i> (Schinz, 1821)	Teixeira e Peracchi (1996)	
<i>Artibeus planirostris</i> (Spix, 1823)	Wied-Neuwied (1826) apud Marques-Aguiar (2008)	
<i>Chiroderma doriae</i> Thomas, 1891	Esbérard et al. (1996b)	VU/VU
<i>Chiroderma villosum</i> Peters, 1860	Teixeira e Peracchi (1996)	
<i>Dermanura cinerea</i> Gervais, 1856	Esbérard (2003)	VU/VU
<i>Platyrrhinus lineatus</i> (É. Geoffroy, 1810)	Dobson (1878)	
<i>Platyrrhinus recifinus</i> (Thomas, 1901)	Dias et al. (2002)	VU/-

<i>Espécie</i>	Fonte	EC
<i>Pygoderma bilabiatum</i> (Wagner, 1843)	Lima (1926)	
<i>Sturnira lilium</i> (É. Geoffroy, 1810)	Pelzelin (1883)	
<i>Sturnira tildae</i> de la Torre, 1959	Esbérard et al. (2006a)	
<i>Uroderma bilobatum</i> Peters, 1866	Avilla et al. (2001)	
<i>Uroderma magnirostrum</i> Davis, 1968	Nogueira et al. (2003)	
<i>Vampyressa pusilla</i> (Wagner, 1843)	Wagner (1843) apud Eger (2008)	
<i>Vampyrodes caraccioli</i> (Thomas, 1889)	Velazco et al. (2010) ⁷	
Noctilionidae		
<i>Noctilio albiventris</i> Desmarest, 1818	Este estudo	
<i>Noctilio leporinus</i> (Linnaeus, 1758)	Peracchi e Albuquerque (1971a)	
Furipteridae		
<i>Furipterus horrens</i> (F. Cuvier, 1828)	Pol et al. (2003)	
Thyropteridae		
<i>Thyroptera tricolor</i> Spix, 1823	Vieira (1955)	EP/-
Natalidae		
<i>Natalus espiritosantensis</i> (Ruschi, 1951)	Esbérard et al. (1997b) ⁸	EP/-
Molossidae		
<i>Cynomops abrasus</i> (Temminck, 1826)	Ávila-Pires e Gouvêa (1977) ⁹	
<i>Eumops auripendulus</i> (Shaw, 1800)	Peracchi e Albuquerque (1971a)	
<i>Eumops glaucinus</i> (Wagner, 1843)	Peracchi e Albuquerque (1971a)	
<i>Eumops perotis</i> (Schinz, 1821)	Schinz (1821) apud Eger (2008)	
<i>Molossops neglectus</i> Williams & Genoways, 1980	Gregorin et al. (2004)	
<i>Molossus molossus</i> (Pallas, 1766)	Vieira (1942)	
<i>Molossus rufus</i> É. Geoffroy, 1805	Wagner (1843)	
<i>Neoplatymops mattogrossensis</i> (Vieira, 1942)	Avilla et al. (2001)	
<i>Nyctinomops laticaudatus</i> (É. Geoffroy, 1805)	Bergallo et al. (2003) ¹⁰	

Espécie	Fonte	EC
<i>Nyctinomops macrotis</i> (Gray, 1839)	Peracchi e Albuquerque (1971a)	
<i>Tadarida brasiliensis</i> (I. Geoffroy, 1824)	Peracchi e Albuquerque (1971a)	
Vespertilionidae		
<i>Eptesicus brasiliensis</i> (Desmarest, 1819)	Dobson (1878)	
<i>Eptesicus diminutus</i> Osgood, 1915	Esbérard (2003)	
<i>Eptesicus furinalis</i> (d'Orbigny & Gervais, 1847)	Vieira (1942) ¹¹	
<i>Histiotus velatus</i> (I. Geoffroy, 1824)	Vieira (1942)	
<i>Lasiurus blossevillii</i> [Lesson, 1826]	Miranda-Ribeiro (1907)	
<i>Lasiurus cinereus</i> (Palisot de Beauvois, 1796)	Ávila-Pires e Gouvêa (1977)	
<i>Lasiurus ega</i> (Gervais, 1856)	Vieira (1942)	
<i>Myotis albescens</i> (É. Geoffroy, 1806)	Peracchi e Albuquerque (1986)	
<i>Myotis levis</i> (I. Geoffroy, 1824)	Pelzeln (1883) ¹²	
<i>Myotis nigricans</i> (Schinz, 1821)	Dobson (1878)	
<i>Myotis riparius</i> Handley, 1960	Dias & Peracchi (2007)	
<i>Myotis ruber</i> (É. Geoffroy, 1806)	Esbérard (1998) ¹³	VU/VU

1- Estado de conservação (VU = vulnerável e EP = em perigo) das espécies no Estado/município do Rio de Janeiro, baseado, respectivamente, em Bergallo et al. (2000) e Di Maio e Silva (2000).

2- Material testemunho associado a esse registro foi reportado por Mangolin et al. (2007).

3- Material testemunho associado a esse registro foi reportado por Mello e Pol (2006). De acordo com o reportado por esses autores, desconsideramos o registro de *M. crenulatum* apresentado por Esbérard (1998).

4- Material testemunho associado a esse registro foi reportado por Esbérard e Faria (2006).

5- O gênero foi previamente assinalado para o Estado do Rio de Janeiro por Peracchi e Albuquerque (1986).

6- De acordo com Pine (1972), *Vampyrus soricinus* Spix, 1823 é sinônimo júnior de *C. brevicauda*. O material-tipo de *V. soricinus*, entretanto, não parece estar disponível (Carter e Dolan 1978). Mclellan e Koopman (2008) assinalaram a ocorrência *C. brevicauda* no Rio de Janeiro, mas não precisaram a origem do registro, nem mencionaram material testemunho. Pessoa et al. (2010) confirmaram a ocorrência da espécie, fornecendo dados de localidade e citando material testemunho.

7- O gênero foi previamente assinalado para o Estado do Rio de Janeiro por Bezerra et al. (2004).

8- Material testemunho não reportado, mas disponível na coleção do Laboratório de Diversidade de Chiroptera (UFRRJ) – LDM 855 a 865 (C.E.L. Esbérard, com. pess.)

9- Peracchi e Nogueira (2008) associaram o registro de *Eumops abrasus* por Ávila-Pires e Gouvêa (1977) à *Eumops auripendulus*, sem notar que esses autores se referiam ao táxon descrito por Temminck, 1826 (= *Cynomops abrasus*), e não Miller, 1906 (= *E. auripendulus*).

10- Material testemunho e localidade não reportados. De acordo com C.E.L. Esbérard (com. pess.), o material foi obtido em Cachoeiro de Macacu, com número de coleção LDM 2917-2920.

11- Seguimos Davis e Gardner (2008), que reconheceram como *Eptesicus furinalis* o espécime da Serra de Macaé (MZUSP 2801), reportado por Vieira (1942) como *Eptesicus brasiliensis*.

12- Registro baseado no espécime-tipo de *Vespertilio nubilus*, depositado no Museu de Zoologia de Munique (ZSM). Material recente, com informações de localidade e exemplares testemunho, foi reportado por Moratelli e Peracchi (2007).

13- Registros de Vieira (1942, 1955) se basearam em um espécime de Nova Friburgo (MZUSP 2799) que corresponde a *Myotis levis* (R. Moratelli, com. pess.). Esbérard (1998) apenas lista a espécie, mas informações sobre local de captura e material testemunho podem ser encontradas em Moratelli e Peracchi (2007).

orientado pelo Prof. Peracchi no mestrado que vinha freqüentando no Museu Nacional, tendo sido indicado para ocupar o cargo de professor assistente da Área de Zoologia da UFRRJ logo após a obtenção do referido título (1980). A dissertação de mestrado do Prof. Sérgio deu origem a importante trabalho sobre biologia reprodutiva de morcegos (Reis 1989). Entrementes, passaram a colaborar nos trabalhos do Laboratório de Mastozoologia, os Professores Sansão Davi Luiz Raimundo e Antônio Marcus Tannure (Peracchi et al. 1982, 1984; Peracchi e Raimundo 1986). Lamentavelmente, a morte prematura de Sila Tenório de Albuquerque, Antonio Marcus Tannure e Rogério Serrão Piccinini privou a Mastozoologia de três competentes pesquisadores.

Mais recentemente, em 1989, Carlos Eduardo Lustosa Esbérard iniciou na Fundação Jardim Zoológico do Rio de Janeiro o projeto intitulado "Morcegos Urbanos", mas que também explorou os quirópteros encontrados em diversas unidades de conservação do Estado, realizando numerosas coletas, reunindo apreciável acervo científico e publicando várias contribuições. De 2001 a 2006 esse pesquisador desenvolveu atividades no Departamento de Ecologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), tendo publicado diversos trabalhos em colaboração com docentes daquela Instituição. Em 2006 ingressou na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro para onde levou a coleção que organizou, passando assim a UFRRJ a contar com duas coleções de quirópteros. Esse pesquisador tem contribuído sobremaneira para o conhecimento da fauna de morcegos do Estado (e.g., Esbérard et al. 1996a, b, 1997a, b, 2006a, b, 2007; Esbérard 1999, 2002, 2003, 2004, 2006, 2007; 2008, 2009, Esbérard e Bergallo 2004, 2005a, 2005b, 2005c; 2008, 2010; Esbérard e Faria 2006; Esbérard e Moreira 2006).

Embora a tradição na Mastozoologia em importantes Instituições de ensino e pesquisa no Estado do Rio de Janeiro, como a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), tenha sido, e continue sendo, o estudo sistemático e ecológico de pequenos mamíferos não-voadores (marsupiais e roedores), diversos pesquisadores com formação nesse grupo tem contribuído para a quiropterologia. Essa contribuição tem se dado não apenas através de publicação, como também em orientações e participações em bancas de trabalhos de conclusão de graduação e pós-graduação. Aqui cabe destacar os nomes de Leila Maria Pessôa (e.g., Sbragia e Pessôa 2008; Tavares e Pessôa 2008; Pessôa et al. 2010), Helena de Godoy Bergallo (e.g., Bergallo et al. 2000; Bergallo et al. 2003) e Leandro de Oliveira Salles (Salles et al. 1999; Fracasso e Salles 2005), embora também possam ser citados Fernando Antônio dos Santos Fernandez (Fernandez et al. 1988), Carlos Eduardo de Viveiros Grelle (Grelle et al. 1997), João Alves de Oliveira e Luiz Flamarion Barbosa de Oliveira. Mais recentemente, com apoio de pelo

menos um desses pesquisadores, iniciaram sua carreira nas pesquisas com morcegos Marco Aurélio Ribeiro de Mello, que destacamos pela contínua contribuição na área (e.g., Mello e Fernandez 1999, 2000; Mello et al. 2004; Mello e Schittini 2005; Mello e Pol 2006; Mello et al. 2008a, b; Mello 2009; Mello et al. 2009), Jorge Luiz do Nascimento (Silva e Nascimento 2008), Leonardo dos Santos Ávilla (Ávilla et al. 2001; Ávilla et al. 2007), Fabrício Escarlata Tavares (Tavares e Pessôa 2008), Isabel Sbragia (Sbragia e Cardoso 2008; Sbragia e Pessôa 2008; Sbragia et al. 2010) e Julia Lins Luz (Luz et al. 2009a, b).

Com o advento, em 1995, do Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal do Instituto de Biologia da UFRRJ, as pesquisas desenvolvidas no Laboratório de Mastozoologia desse Instituto sofreram substancial impulso. Pelo referido Programa, passaram Shirley Seixas Pereira da Silva (Silva e Peracchi 1995, 1999; Silva et al. 1996, 1997, 2001, 2004), Sylvania Ceppas Teixeira (Teixeira e Peracchi 1996), Marcelo Rodrigues Nogueira (Nogueira et al. 1999, 2002, 2003, 2004, 2005, 2007a, b, 2008, 2009, 2010; Nogueira e Peracchi 2002, 2003), André Pol (Pol et al. 2003), Benedito das Neves Costa (Costa e Peracchi 2005), Daniela Dias (Dias et al. 2002, 2003; Dias e Peracchi 2007, 2008; Dias et al. 2008), Ricardo Moratelli (Moratelli et al. 2002; Moratelli e Peracchi 2007; Moratelli e Morielle-Versute 2008; Moratelli e Bonvicino 2010), Isaac Passos de Lima (Lima 2008; Lima e Reis 2004; Lima e Gregorin 2007) e Jefferson Simanas Mikalauskas (Mikalauskas et al. 2006a, b). A partir de 2006, o Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal passou a receber também alunos do recém-criado Laboratório de Diversidade de Morcegos, da UFRRJ, ao qual se associou Luciana de Moraes Costa (Costa et al. 2006, 2007, 2008).

A região norte do Estado do Rio de Janeiro recebeu, em meados dos anos 90 do século passado, uma importante Instituição pública de ensino superior, a Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), que em 1999 passou a ter em seus quadros o Prof. Leandro Rabello Monteiro. Esse acadêmico tem conduzido pesquisas com diversos grupos zoológicos e encontra, hoje, nos morcegos, um de seus principais modelos de estudo (Monteiro e Nogueira 2010).

Pouco foi mencionado aqui sobre a contribuição dos médicos veterinários às pesquisas com morcegos no Estado do Rio de Janeiro, mas tão somente por uma questão de restrição de espaço. Esse grupo tem historicamente se destacado no cenário científico fluminense e mereceria capítulo a parte. Não obstante, pelo menos dois nomes de maior peso devem ser destacados, ao lado de alguns já mencionados: Renato Augusto da Silva, docente aposentado da UFRRJ, e Phyllis Catharina Romijn (Romijn et al. 1996, 2003), pesquisadora da PESAGRO-Rio. O Dr. Renato, juntamente com

colaboradores, foi responsável pelo isolamento do vírus rábico em diferentes tecidos e órgãos de morcegos hematófagos e não hematófagos (Silva et al. 1961; Silva e Souza 1968a, b, c, d).

As listas de espécies: histórico e atualização

Conforme evidenciado no tópico anterior, o Estado do Rio de Janeiro apresenta uma longa história de registros relativos à quiropterofauna. A necessidade de reunir tais registros em uma lista que facilitasse o acesso à diversidade taxonômica nesse Estado foi primeiro identificada por Peracchi e Albuquerque (1971a). Esses autores reuniram registros de 40 espécies, 30 das quais citadas com base em suas próprias observações e nove que ainda eram desconhecidas para o território fluminense. *Myotis ruber* (É. Geoffroy, 1806) foi assinalada nesse estudo com base em um espécime de Nova Friburgo (MZUSP 2799) mencionado por Vieira (1942, 1955), mas de acordo com R. Moratelli (com. pess.) esse espécime é um exemplar de *Myotis levis*. Tendo em vista que *M. levis* é uma das duas espécies (a outra é *Carollia brevicauda*) que já haviam sido citadas para o Estado do Rio de Janeiro, mas que não foram incluídas na lista de Peracchi e Albuquerque (1971a), o número total de registros para o Estado passou a ser 41. Quinze anos mais tarde, Peracchi e Albuquerque (1986) publicaram uma lista complementar, na qual reportaram três novas ocorrências para o Estado. Considerando-se também outros quatro registros publicados entre essas duas listas (Ávila-Pires e Gouvêa 1977; Peracchi et al. 1982; Peracchi e Albuquerque 1985), 48 espécies passaram a ser conhecidas para o Rio de Janeiro. A compilação seguinte, conduzida por Marinho-Filho (1996), surgiu 10 anos mais tarde, no contexto de uma análise sobre a fauna de morcegos da Mata Atlântica do sul e sudeste do Brasil. Um total de 62 espécies foi reportado por esse autor, mas táxons de provável ocorrência também foram listados, incluindo formas que até hoje permanecem sem confirmação de ocorrência no Estado, como *Rhynophylla pumilio* Peters, 1865, *Eumops bonariensis* (Peters, 1874) e *Nyctinomops aurispinosus* (Peale, 1848). De acordo com os dados aqui levantados, até 1996 o número de espécies formalmente assinaladas não passava de 52, apenas quatro a mais do que era conhecido em 1986.

Os anos subsequentes, entretanto, trouxeram significativo incremento ao conhecimento da quiropterofauna fluminense. A maioria das espécies listadas por Marinho-Filho (1996) com base em extrapolação de distribuição geográfica teve presença confirmada (e.g., *Glyphonycteris sylvestris* Thomas, 1896 e *Sturnira tildae* de la Torre, 1959), e mesmo táxons não previstos tiveram registro (e.g., *Saccopteryx leptura* (Schreber, 1774), *Platyrrhinus recifinus* (Thomas, 1901) e *Natalus espiritosantensis* (Ruschi, 1951)). Como resultado, em meados da década seguinte as listas para o Estado do Rio de Janeiro já alcançavam 60 espécies (Bergallo et al.

2003, Rocha et al. 2004), número que logo se mostraria desatualizado. A lista subsequente, publicada em 2005, e contando com registros disponíveis até 2004, apontou a ocorrência de 71 espécies (Esbérard e Bergallo 2005a), número bem próximo ao registrado na última lista preparada para o Estado que consta de 73 espécies (Peracchi e Nogueira 2008). Essa similaridade quantitativa é explicada, em parte, pelo fato dessa última lista ter sido preparada ainda em 2005, embora por problemas editoriais só tenha sido publicada em 2008. Um registro particularmente importante que já consta na lista de Peracchi e Nogueira (2008) é o de *Vampyroides* sp., assinalada para o Rio de Janeiro por Bezerra et al. (2004) em inventário da coleção de morcegos em meio líquido do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Recentemente, Velazco et al. (2010) se referiram a esse espécime do Rio de Janeiro como *Vampyroides caraccioli* (Thomas, 1889).

A lista apresentada aqui traz um incremento de quatro espécies em relação à proposta por Peracchi e Nogueira (2008). Três dessas foram registradas em publicações ao longo dos últimos anos (Esbérard et al. 2006a; Dias e Peracchi 2007; McLellan e Koopman 2008) e uma, *Noctilio albiventris* Desmarest, 1818, é citada aqui pela primeira vez. Com esses registros chega-se a um total de 77 espécies, incluídas em 43 gêneros e oito famílias (Tabela 3). Esses números representam, respectivamente, 85%, 78% e 100% das espécies, gêneros e famílias conhecidas para Mata Atlântica do sudeste do Brasil (Peracchi e Nogueira 2008), e 45%, 67% e 89% do registrado para o território brasileiro (Reis et al. 2007; Gardner 2008). A representatividade por famílias segue a tendência para o sudeste e em nível nacional, com destacada diversidade de filostomídeos (Tabela 4). Dentre os grupos mais ricos em espécies (> de 10 táxons), a família Molossidae é a que apresenta a menor proporção de espécies registradas em relação ao sudeste (67%), sendo os vespertilionídeos (92%) e estenodermatíneos (89%) os grupos com melhor representatividade (Tabela 4). A riqueza de molossídeos registrada na Mata Atlântica do sudeste do Brasil está associada majoritariamente à contribuição do Estado de São Paulo (Peracchi e Nogueira 2008), e explica-se, em parte, pela participação de pesquisadores ligados aos Centros de Controle de Zoonoses na divulgação de informações sobre a ocorrência desses e de outros morcegos de hábitos sinantrópicos (e.g., Silva et al. 1996). Um similar engajamento no Rio de Janeiro poderia trazer também importantes acréscimos ao conhecimento da ocorrência e distribuição dos molossídeos no Estado.

Primeiro registro de *Noctilio albiventris* Desmarest, 1818 em território fluminense

Recentemente, durante manutenção de rotina realizada no Laboratório de Mastozoologia da UFRRJ, foi encontrado um morcego colecionado no município de Rio das Flores (22° 10' 4" S, 43° 35' 9"

W), no sul fluminense, que se provou tratar do primeiro exemplar de *N. albiventris* obtido no Rio de Janeiro. Esse espécime foi levado ao referido Laboratório em agosto de 1977 por Fernando Vidal, então aluno do Curso de Medicina Veterinária da UFRRJ. Ele se encontra preservado em meio líquido e recebeu o número de tombamento ALP 9141. Suas medidas (em mm) são as seguintes: antebraço 58,34; comprimento total do crânio 19,45; comprimento cômulo-canino 17,23; comprimento da série de dentes superiores 7,43; comprimento da série de dentes inferiores 8,10; comprimento da mandíbula 13,33; largura mastóidea 14,13; largura da caixa craniana 10,54; largura zigomática 14,27; largura pós-orbitária 5,72; largura através dos molares superiores 9,22; e largura através dos caninos superiores 6,92. Embora com medidas ligeiramente menores que as reportadas por Taddei et al. (1986) para *Noctilio albiventris* do Estado de São Paulo, o espécime em questão pode seguramente ser associado a essa subespécie.

Tabela 4: Riqueza de espécies de morcegos por família (e subfamília, no caso de Phyllostomidae) no Estado do Rio de Janeiro (presente estudo), na Mata Atlântica do sudeste do Brasil (Peracchi e Nogueira 2008) e em todo o território brasileiro (Reis et al. 2007, Gardner 2008).

Famílias/subfamílias	Nº de espécies		
	RJ	MA do Sudeste	Brasil
Emballonuridae	5	7	16
Phyllostomidae	44	53	89
Desmodontinae	3	3	3
Phyllostominae	18	22	33
Glossophaginae	3	5	8
Lonchophyllinae	2	2	6
Carollinae	2	3	6
Stenodermatinae	16	18	33
Noctilionidae	2	2	2
Furipteridae	1	1	1
Natalidae	1	1	1
Thyropteridae	1	1	4
Vespertilionidae	12	13	26
Molossidae	11	17	28
Mormoopidae	-	-	4

Direções para pesquisas futuras

Embora o Rio de Janeiro constitua um dos estados mais bem amostrados para morcegos no Brasil (Bergallo et al. 2003), deve ser destacado que a grande maioria dos inventários nele realizados tem empregado, como método de amostragem, apenas redes de neblina armadas ao nível do solo (Esbérard e Bergallo 2005a). Pouco tempo tem sido investido na busca ativa de abrigos, e redes armadas acima do sub-bosque (no dossel ou acima dele) ainda não foram

empregadas, ou pelo menos seus resultados ainda não constam em publicações. Da mesma forma, sinais acústicos ainda não foram adotados para fins de inventário. Para que se alcance uma lista de espécies realmente representativa, entretanto, será necessário também investigar regiões e habitats ainda pouco conhecidos.

O norte fluminense permanece como uma das regiões menos investigadas para morcegos do Estado do Rio de Janeiro, embora tenha clara importância zoogeográfica. As florestas dessa região guardam similaridade florística com as florestas de baixada do Estado do Espírito Santo, onde várias espécies de morcego têm seu limite austral de distribuição geográfica registrado. Nesse caso estão os filostomídeos *Tonatia saurophila* Koopman & Williams, 1951, *Dermaptera gnoma* (Handley, 1987) e *R. pumilio*, todos relativamente comuns nas matas de tabuleiro do norte capixaba (Peracchi e Albuquerque 1993). A captura de numerosos exemplares de *Phyllostomus discolor* (Wagner, 1843) em um pequeno fragmento de mata no município de Campos dos Goytacazes, no norte fluminense (M.R. Nogueira, dados não publicados), também evidencia o potencial da região. Essa espécie encontra-se registrada no Estado do Rio de Janeiro com base em um único indivíduo, proveniente do Parque Nacional da Tijuca, área exaustivamente amostrada ao longo da última década (Esbérard 2003).

Dentre os habitats, áreas cársticas, manguezais, rios e riachos em áreas de relevo aplainado (baixadas) e áreas elevadas (acima de 500 m) representam lacunas significativas na amostragem da quiropterofauna fluminense. Outros habitats, como as restingas, também constituem lacunas importantes (Oprea et al. 2009; Nogueira et al. 2010), mas destacamos os anteriores por seu potencial para o incremento da lista de espécies do Estado e para amostragem de espécies pouco representadas em inventários. Áreas cársticas são altamente relevantes para morcegos, havendo espécies estreitamente associadas a esse tipo de habitat. No Estado do Rio de Janeiro, áreas cársticas podem ser encontradas na região noroeste, de onde vem o único registro atualmente disponível para *N. espiritosantensis* (Esbérard et al. 1997a). O mapeamento dessas áreas e o inventário dos morcegos que nelas se encontram, com particular referência a *N. espiritosantensis*, são, portanto, altamente desejáveis. Quanto aos mangues, apenas uma localidade encontra-se amostrada em todo o Estado do Rio de Janeiro (Lourenço et al. 2010), e os dados obtidos sugerem que esse tipo de habitat pode ser importante para o incremento e consolidação da lista de espécies insetívoras aéreas, que principalmente em relação aos molossídeos parece incompleta (Tabela 4).

Outro tipo de habitat com reduzido esforço amostral são os rios e riachos em áreas de relevo aplainado. Isso se deve, em parte, ao fato de que a maioria das unidades de conservação do Estado do

Rio de Janeiro, onde as pesquisas têm se concentrado, se situam em locais com relativa declividade, proporcionando oportunidade apenas para trabalhos em rios encachoeirados e com reduzido espelho d'água. Essa lacuna amostral provavelmente explica a raridade de registros envolvendo alguns morcegos que têm como principal área de forrageio rios e riachos de fluxo lento e maior espelho d'água. No Rio de Janeiro, a única espécie desse grupo que tem sido frequentemente encontrada é a piscívora *Noctilio leporinus* (Linnaeus, 1758). *Rhynchonycteris naso* (Wied-Neuwied, 1820) e *Macrophyllum macrophyllum* (Schinz, 1821) permanecem conhecidas apenas com base em poucos registros (Peracchi e Albuquerque 1971a; Baptista e Mello 2001; Esbérard 2009), todos provenientes de áreas de baixada, como a Reserva Biológica de Poço das Antas (Baptista e Mello 2001). Uma quarta espécie, *N. albiventris*, é aqui reportada pela primeira vez, mas com base em um único espécime, do qual não dispomos de informações detalhadas sobre o hábitat de procedência. Um incremento nas investigações em rios e riachos de áreas de baixada poderá resultar não apenas em novos registros dessas espécies, como também na obtenção de dados que permitam inferir sobre seu estado de conservação dentro do Estado. A escassez de reservas em áreas de baixada pode demandar estratégias particulares de conservação para esse grupo, caso seja confirmada a dependência desse tipo de hábitat.

O Estado do Rio de Janeiro apresenta diversos maciços montanhosos, nos quais um extensivo gradiente altitudinal está presente (Rocha et al. 2003). Embora diversos estudos estejam disponíveis acerca dos morcegos desses maciços, poucos têm investigado cotas acima dos 500 m, nas faixas de Floresta Montana e Campos de altitude (Ávila-Pires e Gouvêa 1977; Esbérard et al. 1996a; Moratelli e Peracchi 2007; Dias et al. 2008). A importância de se investigar tais hábitats fica clara quando se considera que espécies de origem subtropical podem ter sua presença em latitudes mais baixas associada apenas a áreas mais elevadas. Como exemplo, pode-se mencionar o vespertilionídeo *M. levis*, registrado ao nível do mar no Estado de São Paulo, mas apenas em áreas elevadas no Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais (Moratelli e Peracchi 2007; Dias et al. 2008; Vieira et al. 2008). Há ainda uma nova espécie de *Myotis* em processo de descrição e que parece seguir padrão de distribuição geográfica similar ao de *M. levis*, ocorrendo, no Rio de Janeiro, apenas em altitudes superiores a 700 m (R. Moratelli, com. pess.).

Uma análise dos registros de novas espécies para o Estado do Rio de Janeiro ao longo dos últimos 10 anos confirma a necessidade de continuidade dos inventários faunísticos, mas também evidencia a importância do trabalho nas coleções zoológicas. Dos 23 registros adicionados nesse período, 18 resultaram de capturas recentes, mas cinco estiveram associados

a material que já estava disponível nas coleções. Atualmente, três coleções de morcegos estão disponíveis no Estado do Rio de Janeiro, duas delas na UFRRJ, nos laboratórios de Mastozoologia e de Diversidade de Morcegos, e uma no Museu Nacional, junto ao Setor de Mastozoologia. Fora do Estado, uma importante referência é o Museu de Zoologia da USP, onde, conforme já mencionado, está a maior parte do material examinado por Vieira (1942). Dentre as espécies que foram registradas como resultado direto do trabalho em coleções, o caso de *Vampyroides* é dos mais emblemáticos, já que o espécime em questão foi coligido pelo eminente ornitólogo Helmut Sick ainda na década de 50 do século passado, e graças ao trabalho de inventariamento do material em meio líquido da coleção de morcegos do Museu Nacional (Bezerra et al. 2004) acabou vindo à tona. Hoje já há registros de *V. caraccioli* para o Estado de São Paulo (Velazco et al. 2010), mas até a ocasião do referido inventário a localidade mais ao sul conhecida para a espécie ficava no Estado da Bahia (Faria 2002).

Além da possibilidade de incremento no conhecimento da riqueza de espécies, a continuidade das pesquisas com morcegos no Estado do Rio de Janeiro será importante também para corroborar a ocorrência de alguns táxons já assinalados, mas apenas com base em registros isolados e antigos ou ainda que careçam de material testemunho. Nesse grupo estão *Lophostoma silvicolum* d'Orbigny, 1836, *Phyllostomus elongatus* (É. Geoffroy, 1810) e *Uroderma bilobatum* Peters, 1866. *Lophostoma silvicolum* foi registrada para o Rio apenas no trabalho de Pelzeln (1883), não havendo outro registro dessa espécie nem mesmo para o sudeste do Brasil. Teixeira e Peracchi (1996) reportaram ter coletado um espécime adicional na Serra da Tiririca, mas em análises posteriores verificamos que se trata de um *Tonatia bidens* (Spix, 1823). Pelzeln (1883) reportou três espécimes de *Vampyrus* (*Lophostoma*) *amblyotis* (= *L. silvicolum*) coletados por Natterer, que possivelmente se encontram no Museu de História Natural de Viena. O exemplar procedente do Rio de Janeiro recebeu o número 71, que aparece ainda na lista de sinônimas de *V. amblyotis* junto ao táxon *Phyllostoma midas*, considerado nomen nudum por ter sido publicado apenas nessa lista (Williams e Genoways 2008). *Phyllostomus elongatus* também está registrada para o sudeste do Brasil apenas com base no espécime do Rio de Janeiro, reportado por Vieira (1942). Confirmamos a presença desse espécime, tombado sob o número 3658, na coleção do Museu Nacional. Ele se encontra preparado sob a forma de pele cheia e crânio, e apresenta características que conferem com a descrição de *P. elongatus*. *Uroderma bilobatum* encontra-se assinalada para o Rio de Janeiro (Avilla et al. 2001), mas não há material testemunho e nem medidas suportando o registro, que foi feito com base em um espécime que fugiu logo após a captura (C.E.L.

Esbérard, com. pess.). A presença dessa espécie no Rio de Janeiro pode ser considerada como provável, tendo em vista que sua localidade-tipo fica em "Ipanema", hoje município de Iperó, área originalmente coberta por Mata Atlântica no Estado de São Paulo.

Agradecimentos

À Ricardo Moratelli, pela confirmação da identificação do espécime de *Myotis levis* depositado no Museu de Zoologia da USP e pela leitura crítica do manuscrito; à Jim Dines, pelo envio de fotos do neótipo de *Myotis nigricans* depositado na coleção de mamíferos do Natural History Museum of Los Angeles County; à João A. de Oliveira, pelo acesso ao espécime de *Phyllostomus elongatus* depositado no Museu Nacional do Rio de Janeiro; à Carlos E. L. Esbérard, pela leitura crítica e sugestões a versões preliminares do manuscrito, bem como pelo envio de dados sobre material tombado na coleção do Laboratório de Diversidade de Morcegos, da UFRRJ; e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro aos autores. Marcelo R. Nogueira está vinculado ao Laboratório de Mastozoologia da UFRRJ através do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD), mantido pelo CNPq, pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e pela Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP).

Referências Bibliográficas

- Avilla L.S.; Rozenzstranch A.M.S e Abrantes E.A.L. 2001. First record of the South American flat-headed bat, *Neoplattymops mattogrossensis* (Vieira, 1942) in southeastern Brazil (Chiroptera, Molossidae). Boletim do Museu Nacional, Nova Série, Zoologia 463: 1-6.
- Avilla L.S.; Winck G.R.; Francisco V.M.R.; Gil B.B.; Granhen A. e Costa D.G. 2007. A Fauna de morcegos fósseis como ferramenta na caracterização de paleoambientes quaternários. Anuário do Instituto de Geociências 30: 19-26.
- Ávila-Pires F.D. 1965. The type specimens of brazilian mammals collected by prince Maximilian Zu Wied. American Museum Novitates 2209: 1-21.
- Ávila-Pires F.D. e Gouvêa E. 1977. Mamíferos do Parque Nacional do Itatiaia. Boletim do Museu Nacional, Nova Série, Zoologia 291: 1-29.
- Baker R.J.; Hooper S.; Porter C.A. e van Den Busche R.A. 2003. Evolutionary relationships and classification of New World leaf-nosed bats inferred from DNA sequence. Occasional Papers, Museum of Texas Tech University 230: 1-32.
- Banco Safra. 2007. O Museu Nacional. Banco Safra, São Paulo.
- Baptista M. e Mello M.A.R. 2001. Preliminary inventory of the bat species of the Poço das Antas Biological Reserve. Chiroptera Neotropical 7(1-2): 133-135.
- Belchior E. 2008. Estácio de Sá e a fundação do Rio de Janeiro. História 27(1): 77-100.
- Bergallo H.G.; Geise L.; Bonvicino C.R.; Cerqueira R.; D'Andrea P.S.; Esbérard C.E.L.; Fernandez F.A.S.; Grelle C.E.; Peracchi A.L.; Siciliano S. e Vaz S.M. 2000. Mamíferos. In: A Fauna Ameaçada de Extinção do Estado do Rio de Janeiro (editado por Bergallo H.G.; Rocha C.F.D.; Alves M.A.S. e Sluys M.V.), p.125-135. Editora da UERJ, Rio de Janeiro.
- Bergallo H.G.; Esbérard C.E.L.; Mello M.A.R.; Lins V.; Mangolin R.; Melo G.G.S. e Baptista M. 2003. Bat species richness in Atlantic Forest: what is the minimum sampling effort? Biotropica 35(2): 278-288.
- Bezerra A.M.R.; Baptista M.; Franco S.M. e Oliveira J.A. 2004. A coleção de mamíferos preservados em meio líquido do Museu Nacional. Publicações Avulsas do Museu Nacional 101: 1-11..
- Brito D.; Oprea M.; Oliveira L.C. e Mello M.A.R. 2009. An overview of Brazilian mammalogy: trends, biases and future directions. Zoologia 26(1): 67-73.
- Carter D.C. e Dolan P.G. 1978. Catalog of type specimens of Neotropical bats in selected European museums. Special Publications of the Museum 15. Texas Tech University Press, Lubbock.
- Coaracy V. 1955. Memória da cidade do Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro.
- Costa B.N. e Peracchi A.L. 2005. Morcegos da Ilha de Marambaia, RJ. In: História natural da Marambaia (editado por Menezes L.F.T.; Peixoto A.L. e Araujo, D.S.D.), p.169-194. Editora da Universidade Rural, Seropédica.
- Costa L.M.; Fernandes A.F.P.D.; Moraes D.; Conde C.F.V.; Jordão-Nogueira T. e Esbérard C.E.L. 2006. Deslocamento de *Artibeus fimbriatus* sobre o mar. Chiroptera Neotropical 12(2): 289-290.
- Costa L.M.; Almeida J.C. e Esbérard C.E.L. 2007. Dados de reprodução de *Platyrrhinus lineatus* em estudo de longo prazo no Estado do Rio de Janeiro (Mammalia, Chiroptera, Phyllostomidae). Iheringia, Série Zoologia 97(2): 152-156.
- Costa L.M.; Oliveira D.M.; Fernandes A.F.P.D. e Esbérard C.E.L. 2008. Ocorrência de *Diaemus youngi* (Jentink 1893), Chiroptera, no Estado do Rio de Janeiro. Biota Neotropica 8: 217-220.
- Davis D.E. 1947. Notes on the life histories of some Brazilian mammals. Boletim do Museu Nacional, Zoologia 76: 1-8.
- Davis W.B. e Gardner A.L. 2008. Genus *Eptesicus* Rafinesque, 1820. In: Mammals of South America, Volume I. Marsupials, Xenarthrans, Shrews, and Bats (editado por Gardner A.L.), p.440-450. The University of Chicago Press,

- Chicago. (Datado de 2007, mas publicado em 2008).
- Datzmann T.; Von Helversen O. e Mayer F. 2010. Evolution of nectarivory in phyllostomid bats (Phyllostomidae Gray, 1825, Chiroptera: Mammalia). *BMC Evolutionary Biology* 10: 165.
- Di Maio F.R. e Silva M.B. (organizadores). 2000. Espécies ameaçadas de extinção no Município do Rio de Janeiro - Fauna & Flora. Secretaria de Meio Ambiente, Rio de Janeiro.
- Dias D.; Peracchi A.L. e Silva S.S.P. 2002. Quirópteros do Parque Estadual da Pedra Branca, Rio de Janeiro, Brasil (Mammalia, Chiroptera). *Revista Brasileira de Zoologia* 19(2): 113-140.
- Dias D.; Silva S.S.P. e Peracchi A.L. 2003. Ocorrência de *Glyphonxycteris sylvestris* Thomas (Chiroptera, Phyllostomidae) no Estado do Rio de Janeiro, sudeste do Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia* 20(2): 365-366.
- Dias D. e Peracchi A.L. 2007. Primeiro registro de *Myotis riparius* Handley (Mammalia, Chiroptera, Vespertilionidae) no Estado do Rio de Janeiro, sudeste do Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia* 24(2): 508-511.
- Dias D. e Peracchi A.L. 2008. Quirópteros da Reserva Biológica do Tinguá, estado do Rio de Janeiro, sudeste do Brasil (Mammalia: Chiroptera). *Revista Brasileira de Zoologia* 25: 333-369.
- Dias D.; Esbérard C.E.L. e Peracchi A.L. 2008. Riqueza, diversidade de espécies e variação altitudinal de morcegos na Reserva Biológica do Tinguá, Estado do Rio de Janeiro, Brasil (Mammalia, Chiroptera). In: *Ecologia de Morcegos* (organizado por Reis N.R.; Peracchi A.L. e Santos G.A.S.D.) p.125-142. Technical Books Editora, Londrina.
- Dobson G.E. 1878. Catalogue of the Chiroptera in the collection of the British Museum. British Museum, London.
- Drummond J.A. 1997. Devastação e preservação ambiental: os parques nacionais do estado do Rio de Janeiro. Editora da Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- Eger J.L. 2008. Family Molossidae P. Gervais, 1856. In: *Mammals of South America, Volume I. Marsupials, Xenarthrans, Shrews, and Bats* (editado por Gardner A.L.), p.399-439. The University of Chicago Press, Chicago. (Datado de 2007, mas publicado em 2008).
- Esbérard C.E.L. 1998. Validade dos parâmetros da IUCN em amostra regional há espécies de morcegos ameaçadas no município do Rio de Janeiro? *Boletim FBCN* 25: 71-86.
- Esbérard, C.E.L. 1999. Diversidade de Morcegos em Unidades de Conservação Ambiental do Maciço da Tijuca. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
- Esbérard C.E.L. 2002. Composição de colônia e reprodução de *Molossus rufus* (É. Geoffroy) (Chiroptera, Molossidae) em um refúgio no sudeste do Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia* 19(4): 1153-1160.
- Esbérard C.E.L. 2003. Diversidade de morcegos em área de Mata Atlântica regenerada no Sudeste do Brasil. *Revista Brasileira de Zociências* 5(2): 189-204.
- Esbérard C.E.L. 2004. Novo registro de *Micronycteris hirsuta* (Peters) (Mammalia, Chiroptera, Phyllostomidae) na Mata Atlântica, Estado do Rio de Janeiro, Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia* 21(2): 403-404.
- Esbérard C.E.L. 2006. Efeito da coleta de morcegos por noites seguidas no mesmo local. *Revista Brasileira de Zoologia* 23(4): 1093-1096.
- Esbérard C.E.L. 2007. Influência do ciclo lunar na captura de morcegos Phyllostomidae. *Iheringia, série Zoologia* 97(1): 81-85.
- Esbérard C.E.L. 2008. *Latrocimex spectrans* Lent, 1941 parasitando *Noctilio leporinus* (Linnaeus, 1758) em Casimiro de Abreu, Rio de Janeiro, Brasil. *Chiroptera Neotropical* 14: 1-2.
- Esbérard C.E.L. 2009. Capture sequence and relative abundance of bats during surveys. *Revista Brasileira de Zoologia* 65: 103-108.
- Esbérard C.E.L.; Chagas A.S.; Silva M.B. e Costa E.M.L. 1996a. Levantamento de Chiroptera na Reserva Biológica de Araras, Petrópolis/RJ. I - Riqueza de espécies. *Revista Científica, Instituto de Pesquisas Gonzaga da Gama Filho* 2: 67-83.
- Esbérard C.E.L.; Chagas A.S.; Batista M.; Luz E.M. e Pereira C.S. 1996b. Observações sobre *Chiroderma doriae* Thomas, 1891 no Município do Rio de Janeiro, RJ (Mammalia, Chiroptera). *Revista Brasileira de Biologia* 56(4): 651-654.
- Esbérard C.E.L.; Martins L.F.S.; Sianto L.; Cruz R.C.; Costa R.C.; Nunes M.S.; Luz E.M. e Chagas A.S. 1997a. Aspectos da biologia de *Lonchorhina aurita* no Estado do Rio de Janeiro (Mammalia: Chiroptera: Phyllostomidae). *Bioikos* 11(1-2): 46-49.
- Esbérard C.E.L.; Chagas A.S.; Luz E.M. e Carneiro R.A. 1997b. Morcegos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, RJ (Mammalia, Chiroptera). *Revista Universidade Rural, série Ciências da Vida* 19(1-2): 41-48.
- Esbérard C.E.L. e Bergallo H.G. 2004. Aspectos sobre a biologia de *Tonatia bidens* (Spix) no estado do Rio de Janeiro, sudeste do Brasil (Mammalia, Chiroptera, Phyllostomidae). *Revista Brasileira de Zoologia* 21(2): 253-259.
- Esbérard C.E.L.; Bergallo H.G. 2005a. Research on bats in the state of Rio de Janeiro, Southeastern Brazil. *Mastozoologia Neotropical* 12(2): 237-243.
- Esbérard C.E.L. e Bergallo H.G. 2005b. Nota sobre a biologia de *Cinomops abrasus* (Temminck) (Mammalia, Chiroptera, Molossidae) no Rio de Janeiro, Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia* 22(2): 514-516.

- Esbérard C.E.L. e Bergallo H.G. 2005c. Coletar morcegos por seis ou doze horas a cada noite? *Revista Brasileira de Zoologia* 22(4): 1095-1098.
- Esbérard C.E.L. e Faria D. 2006. Novos registros de *Phylloderma stenops* Peters na Mata Atlântica, Brasil (Chiroptera, Phyllostomidae). *Biota Neotropica* 6(2): 1-5.
- Esbérard C.E.L. e Moreira S.C. 2006. Second record of *Lasiurus ega* (Gervais) (Mammalia, Chiroptera, Vespertilionidae) over the South Atlantic. *Revista Brasileira de Biologia* 66(1a): 185-186.
- Esbérard C.E.L.; Nogueira T.J.; Luz J.L.; Melo G.G.S.; Mangolin R.; Jucá N.; Raíces D.S.L.; Enrici M.C. e Bergallo H.G. 2006a. Morcegos da Ilha Grande, Angra dos Reis, RJ, Brasil. *Revista Brasileira de Zoociências* 8: 147-153.
- Esbérard C.E.L.; Motta A.G.; Almeida J.C.; Ferreira L.C.S. e Costa L.M. 2006b. Reproduction of *Chrotopterus auritus* (Peters) in captivity (Chiroptera, Phyllostomidae). *Revista Brasileira de Biologia* 66(3): 955-956.
- Esbérard C.E.L.; Santos B.S. e Faria D.M. 2007. New *Thyroptera tricolor* Spix records in the Atlantic Forest, Brazil (Chiroptera, Thyropteridae). *Revista Brasileira de Biologia* 67(2): 379-380.
- Esbérard C.E.L. e Bergallo H.G. 2008. Biggers bats do need more time to forage? *Brazilian Journal of Biology* 68: 631-637.
- Esbérard C.E.L. e Bergallo H.G. 2010. Biology of *Vampyressa pusilla* (Wagner) in Rio de Janeiro state, Southeastern Brazil. *Revista Brasileira de Biologia* 70: 367-371.
- Faria D.M. 2002. Comunidade de morcegos em uma paisagem fragmentada da Mata Atlântica do sul da Bahia, Brasil. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.
- Fernandez F.A.S.; Cerqueira R. e Tribe C.J. 1988. On the mammals collected on coastal islands of Rio de Janeiro State, Brazil. *Mammalia* 52(2): 219-224.
- Fontes S.D.S. 2007. A corte portuguesa no Brasil. *Portugaliza* 5: 1-9.
- Fracasso M.P. e Salles. L.O. 2005. Diversity of quaternary bats from Serra da Mesa (State of Goiás, Brazil). *Zootaxa* 817: 1-19.
- Gardner A.L. (editor). 2008. *Mammals of South America, Volume I. Marsupials, Xenarthrans, Shrews, and Bats*. The University of Chicago Press, Chicago. (Datado de 2007, mas publicado em 2008).
- Geoffroy Saint-Hilaire É. 1818. Sur de nouvelles chauve-souris, sous le nom de glossophages. *Mémoires du Muséum d'Histoire Naturelle* 4: 411-418.
- Gray J.E. 1838. A revision of the genera of bats (Vespertilionidae), and the description of some new genera and species. *Magazine of Zoology and Botany* 2: 483-505.
- Gregorin R.; Lim B.K.; Pedro W.A.; Passos F.C.; Taddei V.A. 2004. Distributional extension of *Molossops neglectus* (Chiroptera: Molossidae) into southeastern Brazil. *Mammalia* 68(2-3): 233-237.
- Grelle C.E.V.; Fonseca M. e Moura R. 1997. Bats from karstic area on Lagoa Santa, Minas Gerais. *Chiroptera Neotropical* 3(2): 68-70.
- Griffiths T.A. e Gardner A.L. 2008. Subfamily Glossophaginae Bonaparte, 1845. In: *Mammals of South America, Volume I. Marsupials, Xenarthrans, Shrews, and Bats* (editado por Gardner A.L.), p.224-244. The University of Chicago Press, Chicago. (Datado de 2007, mas publicado em 2008).
- Handley C.O., JR. 1989. The *Artibeus* of Gray 1838. In: *Advances in Neotropical Mammalogy* (editado por Redford K.H. e Eisenberg J.F.), p.443-468. Sandhill Crane Press, Gainesville.
- Hood C. e Gardner A.L. 2008. Family Emballonuridae Gervais, 1856. In: *Mammals of South America, Volume I. Marsupials, Xenarthrans, Shrews, and Bats* (editado por Gardner A.L.), p.188-207. The University of Chicago Press, Chicago. (Datado de 2007, mas publicado em 2008).
- Hoofer S.R.; Solari S.; Larsen P.A.; Bradley R.D. e Baker R.J. 2008. Phylogenetics of the fruit-eating bats (Phyllostomidae: Artibeina) inferred from mitochondrial DNA Sequences. *Occasional Papers, Museum of Texas Tech University* 277: 1-16.
- Husson A.M. 1962. The bats of Suriname. *Zoölogische Verhandelingen, Rijksmuseum van Natuurlijke Historie* 58: 1-282.
- ICZN. International Code of Zoological Nomenclature. Disponível em: <http://www.iczn.org/iczn/index.jsp>. Acesso em 28 jan. 2009.
- LaVal R.K. 1973. A revision of the neotropical bats of the genus *Myotis*. *Natural History Museum Los Angeles County Science Bulletin* 15: 1-54.
- Léry, J. de. 1998. Viagem à terra do Brasil. Caderno nº 10. Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, São Paulo.
- Lim B.K. 1997. Morphometric differentiation and species status of the allopatric fruit-eating bats *Artibeus jamaicensis* and *A. planirostris* in Venezuela. *Studies on Neotropical Fauna and Environment* 32: 65-71.
- Lima E.Q. 1934a. A transmissão da raiva bovina pelo morcego hematófago *Desmodus rotundus*. *Brasil-Médico* 48: 38.
- Lima E.Q. 1934b. A transmissão da raiva dos herbívoros pelos morcegos hematófagos da família Desmodontidae. *Revista do Departamento Nacional de Produção Animal* 1(2-3-4): 165-185.
- Lima I.P. 2008. Espécies de morcegos (Mammalia, Chiroptera) registradas em parques nas áreas urbanas do Brasil e suas implicações no uso deste ambiente. In: *Ecologia de Morcegos* (organizado

- por Reis N.R.; Peracchi A.L. e Santos G.A.S.D. p. 71-85. Technical Books Editora, Londrina.
- Lima I.P. e Reis N.R. 2004. The availability of Piperaceae and the search for this resource by *Carollia perspicillata* (Linnaeus) (Chiroptera, Phyllostomidae, Carollinae) in Parque Municipal Arthur Thomas, Londrina, Paraná, Brazil. *Revista Brasileira de Zoologia* 21(2): 371-377.
- Lima I.P. e Gregorin R. 2007. Família Thyropteridae. In: Morcegos do Brasil (editado por Reis N.R.; Peracchi A.L.; Pedro W.A. e Lima I.P.), p. 139-143. Nélio Roberto dos Reis, Londrina.
- Lima J.L. 1926. Os morcegos da coleção do Museu Paulista. *Revista do Museu Paulista* 14: 43-127.
- Lourenço E.C.; Costa L.M.; Luz, J.L.; Dias R.M. e Esbérard C.E.L. 2010. Morcegos em manguezal – análise de uma assembléia e compilação de dados disponíveis no Brasil. In: Mamíferos de restingas e manguezais do Brasil (organizado por Pessôa L.M.; Tavares W.C. e Siciliano S.). Sociedade Brasileira de Mastozoologia, Rio de Janeiro.
- Luz J.L.; Costa L.M.; Lourenço E.C.; Gomes L.A.C. e Esbérard C.E.L. 2009a. Bats from the Restinga of Praia das Neves, state of Espírito Santo, Southeastern Brazil. *Check List* 5: 364-369.
- Luz J.L.; Costa L.M.; Gomes L.A.C. e Esbérard C.E.L. 2009b. The chiggerflea *Hectopsylla pulex* (Siphonaptera: Tungidae) as an ectoparasite of free-tailed bats (Chiroptera: Molossidae). *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* 104: 567-569.
- Mangolin R.; Motta A.G.; Esbérard C.E.L. e Bergallo H.G. 2007. Novos registros de *Lophostoma brasiliensis* Peters para o sudeste do Brasil (Mammalia, Chiroptera, Phyllostomidae). *Revista Brasileira de Zoociências* 9(1): 225-228.
- Marinho-Filho J.S. 1996. Distribution of bat diversity in the southern and southeastern Brazilian Atlantic Forest. *Chiroptera Neotropical* 2(2): 51-54.
- Mariz V. 2008. Villegagnon: herói ou vilão?. *História* 27(1): 51-75.
- Marques-Aguiar S.A. 2008. Genus *Artibeus* Leach, 1821. In: *Mammals of South America, Volume I. Marsupials, Xenarthrans, Shrews, and Bats* (editado por Gardner A.L.), p.301-321. The University of Chicago Press, Chicago. (Datado de 2007, mas publicado em 2008).
- McLellan L.J. e Koopman K.F. 2008. Subfamily Carollinae Miller, 1924. In: *Mammals of South America, Volume I. Marsupials, Xenarthrans, Shrews, and Bats* (editado por Gardner A.L.), p.208-218. The University of Chicago Press, Chicago. (Datado de 2007, mas publicado em 2008).
- Mello M.A.R. 2009. Temporal variation in the organization of a Neotropical assemblage of leaf-nosed bats (Mammalia: Chiroptera). *Acta Oecologica* 35(2): 280-286.
- Mello M.A.R. e Fernandez F.A.S. 1999. How often should researchers go to the field when conducting demographic studies on *Carollia perspicillata*?. *Bat Research News* 40(2): 39-41.
- Mello M.A.R. e Fernandez F.A.S. 2000. Reproductive ecology of the bat *Carollia perspicillata* (Chiroptera: Phyllostomidae) in a fragment of the Brazilian Atlantic coastal forest. *Zeitschrift für Säugetierkunde* 65: 340-349.
- Mello M.A.R.; Schittini G.; Selig P. e Bergallo H.G. 2004. Seasonal variation in the diet of the bat *Carollia perspicillata* (Chiroptera: Phyllostomidae) in an Atlantic Forest area in southeastern Brazil. *Mammalia* 68(1): 49-55.
- Mello M.A.R. e Schittini G.M. 2005. Ecological analysis of three bat assemblages from conservation units in the Lowland Atlantic Forest of Rio de Janeiro, Brazil. *Chiroptera Neotropical* 11(1-2): 206-210.
- Mello M.A.R. e Pol A. 2006. First record of the bat *Mimon crenulatum* (E. Geoffroy, 1801) (Mammalia: Chiroptera) in the State of Rio de Janeiro, Southeastern Brazil. *Brazilian Journal of Biology* 66(1b): 295-299.
- Mello M.A.R.; Silva W.R. e Kalko E.K.V. 2008a. Diet and abundance of the bat *Sturnira lilium* (Chiroptera: Phyllostomidae) in a Brazilian Montane Atlantic Forest. *Journal of Mammalogy* 89: 485-492.
- Mello M.A.R.; Silva W.R. e Kalko E.K.V. 2008b. Movements of the bat *Sturnira lilium* and its role as a seed disperser of Solanaceae in the Brazilian Atlantic forest. *Journal of Tropical Ecology* 24: 225-228.
- Mello M.A.R.; Kalko E.K.V. e Silva W.R. 2009. Ambient temperature is more important than food availability in explaining reproductive timing of the bat *Sturnira lilium* (Mammalia: Chiroptera) in a montane Atlantic Forest. *Canadian Journal of Zoology* 87: 239-248.
- Mikalauskas J.; Moratelli R. e Peracchi A.L. 2006a. Ocorrência de *Chiroderma doriae* Thomas (Chiroptera, Phyllostomidae) no Estado de Sergipe, Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia* 23(3): 877-878.
- Mikalauskas J.; Peracchi A.L.; Gouveia S.F.; Rocha P.A.; Vasconcelos M.P.F. e Silveira V.V.B. 2006b. Período de atividade de morcegos da família Phyllostomidae do Parque Nacional Serra de Itabaiana, Sergipe. *Biologia Geral e Experimental* 6(2): 11-13.
- Miranda-Ribeiro A. de. 1907. Alguns dípteros interessantes. *Archivos do Museu Nacional* 14: 229-239.
- Monteiro L.R. e Nogueira M.R. 2010. Adaptive radiations, ecological specialization, and the evolutionary integration of complex morphological structures. *Evolution* 64(3): 724-744.
- Moratelli R. e Morielle-Versute E. 2007. Métodos e aplicações da citogenética na taxonomia de morcegos brasileiros. In: *Morcegos do Brasil*

- (editado por Reis N.R.; Peracchi A.L.; Pedro W.A. e Lima I.P.), p. 197-218. Nélio Roberto dos Reis, Londrina.
- Moratelli R. e Peracchi A. L. 2007. Morcegos (Mammalia, Chiroptera) do Parque Nacional da Serra dos Órgãos. In: Ciência e Conservação na Serra dos Órgãos (editado por Cronemberger C. e Viveiros de Castro E.B.). Ibama, Brasília.
- Moratelli R.; Andrade, C.M. e Armada J.L.A. 2002. A technique to obtain fibroblast cells from skin biopsies in living bats (Chiroptera) for cytogenetic studies. *Genetics and Molecular Research* 1(2): 128-130.
- Moratelli R.; Dias D. e Bonvicino C.R. 2010. Estrutura e análise zoogeográfica de uma taxonose de morcegos no norte do estado do Amazonas, Brasil. *Chiroptera Neotropical*.
- Nogueira M.R.; Pol A. e Peracchi A.L. 1999. New records of bats from Brazil with a list of additional species for the chiropteran fauna of the state of Acre, western Amazon basin. *Mammalia* 63(3): 363-368.
- Nogueira M.R. e Peracchi A.L. 2002. The feeding specialization in *Chiroderma doriae* (Phyllostomidae, Stenodermatinae) with comments on its conservation implications. *Chiroptera Neotropical* 8(1-2): 143-148.
- Nogueira M.R.; Peracchi A.L. e Pol A. 2002. Notes on the lesser white-lined bat, *Saccopteryx leptura* (Schreber) (Chiroptera, Emballonuridae) from southeastern Brazil. *Revista Brasileira de Zoologia* 19(4): 1123-1130.
- Nogueira M.R.; Tavares V.C. e Peracchi A.L. 2003. New records of *Uroderma magnirostrum* Davis (Mammalia, Chiroptera) from southeastern Brazil, with comments on its natural history. *Revista Brasileira de Zoologia* 20(4): 691-697.
- Nogueira M.R. e Peracchi A.L. 2003. Fig- seed predation by 2 species of *Chiroderma*: discovery of a new feeding strategy in bats. *Journal of Mammalogy* 84(1): 225-233.
- Nogueira M.R.; Fabio S.P. e Peracchi A.L. 2004. Gastrointestinal helminthic parasitism in fruit-eating bats (Chiroptera, Stenodermatinae) from western Amazonian Brazil. *Revista de Biologia Tropical* 52(2): 387-392.
- Nogueira M.R.; Monteiro L.R.; Peracchi A.L. e Araújo A.F.B. 2005. Ecomorphological analysis of the masticatory apparatus in the seed-eating bats, genus *Chiroderma* (Chiroptera, Phyllostomidae). *Journal of Zoology* 266: 355-364.
- Nogueira M.R.; Dias D. e Peracchi A.L. 2007a. Subfamília Glossophaginae. In: Morcegos do Brasil (editado por Reis N.R.; Peracchi A.L.; Pedro W.A. e Lima I.P.), p.45-59. Nélio Roberto dos Reis, Londrina.
- Nogueira M.R.; Peracchi A.L. e Moratelli R. 2007b. Subfamília Phyllostominae. In: Morcegos do Brasil (editado por Reis N.R.; Peracchi A.L.; Pedro W.A. e Lima I.P.), p.61-97. Nélio Roberto dos Reis, Londrina.
- Nogueira, M.R.; Pol, A.; Monteiro, L.R.; Peracchi, A.L. 2008. First record of Miller's mastiff bat, *Molossus pretiosus* (Mammalia: Chiroptera), from the Brazilian Caatinga. *Chiroptera Neotropical* 14: 346-353.
- Nogueira M.R.; Peracchi A.L. e Monteiro L.R. 2009. Morphological correlates of bite force and diet in the skull and mandible of phyllostomid bats. *Functional Ecology* 23: 715-723.
- Nogueira M.R.; Mazurec A.P. e Peracchi A.L. 2010. Morcegos em restingas: lista anotada e dados adicionais para o norte fluminense, sudeste do Brasil (Mammalia, Chiroptera). In: Mamíferos de restingas e manguezais do Brasil (organizado por Pessoa L.M.; Tavares W.C. e Siciliano S.). Sociedade Brasileira de Mastozoologia, Rio de Janeiro.
- Oprea M.; Esbérard C.E.L.; Vieira T.B.; Mendes P.; Pimenta V.T.; Brito D. e Ditchfield A.D. 2009. Bat community species richness and composition in a restinga protected area in southeastern Brazil. *Brazilian Journal of Biology* 69: 1073-1079.
- Pelzeln A., Von. 1883. Brasilische Säugethiere: Resultate von Johann Natterer reisen in den Jahren 1817 bis 1835. A. Holzhausen, Viena.
- Peracchi A.L. 1968. Sobre os hábitos de *Histiotus velatus* (Geoffroy, 1824) (Chiroptera, Vespertilionidae). *Revista Brasileira de Biologia* 28(4): 469-473.
- Peracchi A.L. 1986. Considerações sobre a distribuição e a localidade-tipo de *Sphaeronycteris toxophyllum* Peters, 1882 (Chiroptera, Phyllostomidae). *Publicações Avulsas do Museu Nacional* 65: 97-100.
- Peracchi A.L. e Albuquerque S.T. 1971a. Lista provisória dos quirópteros dos Estados do Rio de Janeiro e Guanabara, Brasil (Mammalia, Chiroptera). *Revista Brasileira de Biologia* 31(3): 405-413.
- Peracchi A.L. e Albuquerque S.T. 1971b. Alguns dados bionômicos sobre *Dasypterus ega argentinus* Thomas, 1901 (Mammalia, Chiroptera, Vespertilionidae). *Revista Brasileira de Biologia* 31(4): 447-451.
- Peracchi A.L. e Albuquerque S.T. 1976. Sobre os hábitos alimentares de *Chrotopterus auritus australis* Thomas, 1905 (Mammalia, Chiroptera, Phyllostomidae). *Revista Brasileira de Biologia* 36(1): 179-184.
- Peracchi A.L. e Albuquerque S.T. 1985. Considerações sobre a distribuição geográfica de algumas espécies do gênero *Micronycteris* Gray, 1866 (Mammalia, Chiroptera, Phyllostomidae). *Arquivos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro* 8(1-2): 23-26.
- Peracchi A.L. e Albuquerque S.T. 1986. Quirópteros do Estado do Rio de Janeiro, Brasil (Mammalia,

- Chiroptera). Publicações Avulsas do Museu Nacional 66: 63-69.
- Peracchi A.L. e Albuquerque S.T. 1993. Quirópteros do município de Linhares, Estado do Espírito Santo, Brasil (Mammalia, Chiroptera). *Revista Brasileira de Biologia* 53(4): 575-581.
- Peracchi A.L.; Albuquerque S.T. e Raimundo S.D.L. 1982. Notas para o conhecimento dos hábitos alimentares de *Trachops cirrhosus* (Spix, 1823) (Mammalia, Chiroptera, Phyllostomidae). *Arquivos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro* 5(1): 1-5.
- Peracchi A.L.; Raimundo S.D.L. e Tannure A.M. 1984. Quirópteros do Território Federal do Amapá, Brasil (Mammalia, Chiroptera). *Arquivos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro* 7(2): 89-100.
- Peracchi A.L. e Raimundo S.D.L. 1986. Algumas informações sobre o “rato-da-taquara”, *Kannabateomys amblyonyx* (Wagner, 1845) (Rodentia, Echimyidae). *Publicações Avulsas do Museu Nacional* 65: 101-104.
- Peracchi A.L.; Lima I.P.; Reis N.R.; Nogueira M.R. e Ortêncio-Filho H. 2006. Ordem Chiroptera. In: *Mamíferos do Brasil* (editado por Reis N.R.; Peracchi A.L.; Pedro W.A. e Lima I.P.), p.153-230. Nélio Roberto dos Reis, Londrina.
- Peracchi A.L. e Nogueira M.R. 2008. Quirópteros da Mata Atlântica do sudeste do Brasil. In: *Morcegos do Brasil: Biologia, Ecologia e Conservação de Morcegos Neotropicais* (editado por Pacheco S.M.; Marques R.V. e Esbérard C.E.L.). Editora Armazém Digital, Porto Alegre.
- Pessoa L.M.; Tavares W.C. e Gonçalves P.R. 2010. Mamíferos das restingas do macrocompartimento litorâneo da Baía de Campos, Rio de Janeiro. In: *Mamíferos de restingas e manguezais da Brasil* (organizado por Pessoa L.M.; Tavares W.C. e Siciliano S.). Sociedade Brasileira de Mastozoologia/Museu Nacional, Rio de Janeiro.
- Reis N.R.; Peracchi A.L.; Pedro W.A. e Lima I.P. (editores). 2007. *Morcegos do Brasil*. Nélio Roberto dos Reis, Londrina.
- Piccinini R.S.; Peracchi A.L.; Souza J.C.P.; Albuquerque S.T.; Raimundo S.D.L.; Tannure A.M. e Furtado L.L. 1985. Comportamento do morcego hematófago *Desmodus rotundus* (Chiroptera) relacionado com a taxa de ataque a bovinos em cativeiro. *Pesquisa Veterinária Brasileira* 5(4): 111-116.
- Piccinini R.S.; Peracchi A.L.; Albuquerque S.T.; Raimundo S.D.L.; Tannure A.M.; Souza J.C.P.; Furtado L.L. 1986. O uso do “Tecnampicid pasta 1%” no controle de morcegos hematófagos *Desmodus rotundus* (Chiroptera). *Pesquisa Veterinária Brasileira* 6(4): 137-140.
- Piccinini R.S.; Peracchi A.L.; Raimundo S.D.L.; Tannure A.M.; Souza J.C.P.; Albuquerque S.T. e Furtado L.L. 1991. Observações sobre o hábito alimentar de *Diphylla ecaudata* Spix, 1823 (Chiroptera). *Revista Brasileira de Medicina Veterinária* 13(2): 8-10.
- Piccinini R.S.; Peracchi A.L.; Souza J.C.P.; Tannure A.M.; Raimundo S.D.L.; Albuquerque S.T. e Furtado L.L. 1998. Métodos de tratamento tópico de bovinos com Warfarina Técnica em pasta a 2% para controle de morcegos hematófagos *Desmodus rotundus*. *Revista Brasileira de Medicina Veterinária* 20(2): 69-73.
- Pine R.H. 1972. The bats of the genus *Carollia*. Texas A&M University, Technical Monograph, 8: 1-125.
- Pol A.; Nogueira M.R. e Peracchi A.L. 2003. Primeiro registro da família Furipteridae (Mammalia, Chiroptera) para o Estado do Rio de Janeiro, Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia* 20(3): 561-563.
- Redondo R.A.F.; Brina L.P.S.; Silva R.F.; Ditchfield A.D. e Santos F.R. 2008. Molecular systematics of the genus *Artibeus* (Chiroptera: Phyllostomidae). *Molecular Phylogenetics and Evolution* 49(1): 44-58.
- Rocha C.F.D.; Bergallo H.G.; Alves M.A.S. e Sluys M.V. 2003. A biodiversidade nos grandes remanescentes florestais do Estado do Rio de Janeiro e nas restingas dos corredores da Mata Atlântica. Rima Editora, São Carlos.
- Rocha C.F.D.; Bergallo H.G.; Pombal-Junior J.P.; Geise L.; Sluys M.V.; Fernandes R. e Caramaschi U. 2004. Fauna de anfíbios, répteis e mamíferos do Estado do Rio de Janeiro, Sudeste do Brasil. *Publicações avulsas do Museu Nacional* 104: 1-24.
- Romijn P.C.; Silva M.V.; Oliveira A.N. e Andrade M.C.R. 1996. Contenção de quirópteros: a utilização da pinça Collin. *Revista Universidade Rural Série Ciências da Vida* 18(1-2): 111-114.
- Romijn P.C.; Van Der Poel W.H.M.; Heide R.V.D.; Cattaneo C.A.M.; Silva R.C.F. 2003. Study of Lyssaviruses of bat origin as a source of rabies for other animal species in the State of Rio de Janeiro - Brasil. *American Journal of Tropical Medicine and Hygiene* 69(1): 81-86.
- Salles L.O.; Carvalho G.A.; Weksler M.; Sicuro F.L.; Abreu F.; Carmardella A.; Guedes P.G.; Avilla L.S.; Abrantes E.A.L.; Sahate V. e Costa I.S.A. 1999. Fauna de Mamíferos do Quaternário de Serra da Mesa (Goiás, Brasil). *Publicações Avulsas do Museu Nacional* 78: 1-15.
- Sbragia I.A. e Cardoso A. 2008. Quiropterofauna (Mammalia: Chiroptera) cavernícola da Chapada Diamantina, Bahia, Brasil. *Chiroptera Neotropical* 14(1): 360-365.
- Sbragia I.A. e Pessoa L.M. 2008. New record of a vulnerable bat, *Myotis ruber* (E. Geoffroy, 1806) (Chiroptera: Vespertilionidae) in the Caatinga biome, northeastern Brazil. *Mammalian Biology* 73: 233-237.
- Sbragia I.A.; Corrêa M.M. de O.; Pessoa L.M. e Oliveira J.A. 2010. The karyotype of

- Macrophyllum macrophyllum* (Schinz, 1821) (Phyllostomidae: Phyllostominae) from the State of Bahia, Brazil. *Chiroptera Neotropical* 23: 35-42.
- Silva L.A.M. e Nascimento J.L. 2008. Morcegos da Caatinga: História natural, riqueza e conservação. Morcegos do Brasil: Biologia, Ecologia e Conservação de Morcegos Neotropicais (editado por Pacheco S.M.; Marques R.V. e Esbérard C.E.L.). Editora Armazém Digital, Porto Alegre.
- Silva M.M.S.; Harmani N.M.S.; Gonçalves E.F.B. e Uieda W. 1996. Bats from the metropolitan region of São Paulo, southeastern Brazil. *Chiroptera Neotropical* 2(1): 39-41.
- Silva R.A.; Rivello G.V. e Nilsson M.R. 1961. Isolamento de vírus rábico de morcego não hematófago da espécie *Phyllostomus hastatus hastatus* (Pallas). *Arquivos do Instituto de Biologia Animal* 4: 115-120.
- Silva R.A. e Souza A.M. 1968a. Isolamento do vírus rábico de pulmão, coração, rins, bexiga e outros diferentes tecidos de morcegos hematófagos da espécie *Desmodus rotundus*. *Pesquisa Agropecuária Brasileira* 3: 291-301.
- Silva R.A. e Souza A.M. 1968b. A pesquisa do vírus da raiva na glândula inter-escapular de morcegos do Brasil em condições naturais de infecção. *Pesquisa Agropecuária Brasileira* 3: 313-315.
- Silva R.A. e Souza A.M. 1968c. A ocorrência do vírus da raiva no útero, feto, testículos e outros órgãos de morcegos hematófagos, *Desmodus rotundus* na infecção natural. *Pesquisa Agropecuária Brasileira* 3: 365-368.
- Silva R.A. e Souza A.M. 1968d. A ocorrência do vírus rábico em morcegos hematófagos da espécie *Diaemus youngi* (Jentink) no Brasil. *Veterinária* 21: 53-55.
- Silva S.S.P. e Peracchi A.L. 1995. Observação da visita de morcegos (Chiroptera) às flores de *Pseudobombax grandiflorum* (Cav.) A. Robyns. *Revista Brasileira de Zoologia* 12(4): 859-865.
- Silva S.S.P.; Peracchi A.L. e Dias D. 1996. Visita de *Glossophaga soricina* (Pallas, 1766) às flores de *Eugenia jambos* L. (Myrtaceae). *Revista Universidade Rural, série Ciências da Vida* 18(1-2): 67-71.
- Silva S.S.P.; Peracchi A.L. e Aragão A.O. 1997. Visita de *Glossophaga soricina* (Pallas, 1766) às flores de *Bauhinia cupulata* Benth (Leguminosae, Caesalpinoideae). *Revista Brasileira de Biologia* 57(1): 89-92.
- Silva S.S.P. e Peracchi A.L. 1999. Visit of bats to flowers of *Lafoensia glyptocarpa* Koehne (Lythraceae). *Revista Brasileira de Biologia* 59(1): 19-22.
- Silva S.S.P.; Guedes P.G. e Peracchi A.L. 2001. Levantamento preliminar dos morcegos do Parque Nacional de Ubajara (Mammalia, Chiroptera) Ceará, Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia* 18(1): 139-144.
- Silva S.S.P.; Guedes P.G.; Camardella A.R. e Peracchi A.L. 2004. Survey of bats (Mammalia, Chiroptera) with comments on reproduction status, in Serra das Almas Private Heritage Reserve, in the State of Ceará, northwestern of Brazil. *Chiroptera Neotropical* 10(1-1): 191-195.
- Silveira E.K.P. 1965. Ocorrência de algumas espécies de aves e mamíferos da região da Lagoa de Marapendi integradas na biota local. *Boletim Geográfico* 24(188): 734-748.
- Silveira E.K.P. 1968. Notas sobre a fauna original de vertebrados florestais nos maciços montanhosos da Guanabara. *Boletim Geográfico* 27(203): 67-84.
- Simmons N.B. 2005. Order Chiroptera. In: *Mammal species of the world*, 3^a ed. (editado por Wilson, D.E. e Reeder D.M.), p.312-529. The Johns Hopkins Press, Baltimore.
- Simmons N.B. e Voss R.S. 1998. The Mammals of Paracou, French Guiana: a Neotropical lowland rainforest fauna. Part 1. Bats. *Bulletin of the American Museum of Natural History* 237: 1-219.
- Solari S.; Hooper S.R.; Larsen P.A.; Brown A.D.; Bull R.J.; Guerrero J.A.; Ortega J.; Carrera J.P.; Bradley R.D. e Baker R.J. 2009. Operational criteria for genetically defined species: analysis of the diversification of the small fruit-eating bats, *Dermanura* (Phyllostomidae: Stenodermatinae). *Acta Chiropterologica* 11(2): 279-288
- Spix J.B., von. 1823. Simiarum et vespertilionum Brasiliensium species novae, ou, Histoire naturelle des espèces nouvelles de singes et de chauves-souris observées et recueillies pendant le voyage dans l'intérieur du Brésil exécuté par ordre de S. M. le Roi de Bavière dans les années 1817, 1818, 1819, 1820. Francisci Seraphici Hübschmanni, Monachii.
- Staden H. 1930. Viagem ao Brasil. Academia Brasileira, Rio de Janeiro.
- Straube F.C. 2000. Johann Natterer (1787-1843): naturalista-maior do Brasil. *Nattereria* 1: 4-13.
- Taddei V.A.; Seixas R.B. e Dias A.L. 1986. Noctilionidae (Mammalia, Chiroptera) do Sudeste Brasileiro. *Ciência e Cultura* 38(5): 904-916.
- Taddei V.A.; Souza; S.A.; Manuzzi, J.L. Notas sobre uma coleção de *Lonchophylla bokermanni* de Ilha Grande, Sudeste do Brasil (Mammalia, Chiroptera). *Revista Brasileira de Biologia*, v.48, n.4, p.851-855, 1988.
- Tavares F.E. e Pessôa L.M. 2005. Bats (Chiroptera, Mammalia) in barn owl (*Tyto Alba*) pellets in northern Pantanal, Mato Grosso, Brazil. *Mastozoologia Neotropical* 12: 61-67.
- Teixeira S.C. e Peracchi A.L. 1996. Morcegos do Parque Estadual da Serra da Tiririca, Rio de Janeiro, Brasil (Mammalia, Chiroptera). *Revista Brasileira de Zoologia* 13(1): 61-66.
- Tejedor A. 2006. The type locality of *Natalus stramineus* (Chiroptera: Natalidae): implications

- for the taxonomy and biogeography of the genus *Natalus*. *Acta Chiropterologica* 8(2): 361-380.
- Torres S. 1934. A transmissão da raiva dos herbívoros pelos morcegos hematófagos da família Desmodontidae. *Revista do Departamento Nacional da Produção Animal* 1(2-3-4): 165-185.
- Torres S. 1935a. Os morcegos hematofagos. *Boletim do Ministério da Agricultura* 24: 139-147.
- Torres S. 1935b. A febre aphtosa e o papel dos morcegos hematófagos na sua disseminação. *Revista do Departamento Nacional da Produção Animal* 2(4-5-6): 417-420.
- Torres S. 1936. A raiva e a infecção natural dos morcegos hematófagos. *Revista do Departamento Nacional da Produção Animal* 3(1-6): 183-186.
- Torres S. e Lima E.Q. 1935. A raiva nos morcegos hematofagos (*Desmodus rotundus murinus*). *Revista do Departamento Nacional da Produção Animal* 2(4-5-6): 385-405.
- Torres S. e Lima E.Q. 1936. A raiva e os morcegos hematófagos. Morcegos que resistem à infecção tornam-se portadores e eliminadores de vírus? *Revista do Departamento Nacional da Produção Animal* 3(1-2-3): 165-174.
- Vanzolini P.E. 2004. Episódios da zoologia brasílica. Hucitec, São Paulo.
- Velazco P.M.; Aires C.C.; Carmignotto A.P. e Bezerra A.M. 2010. Mammalia, Chiroptera, Phyllostomidae, *Vampyroides caraccioli* (Thomas, 1889): Range extension and revised distribution map. *Check List* 6(1): 49-51.
- Vieira C.O.C. 1942. Ensaio monográfico sobre os quirópteros do Brasil. *Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo* 3(8): 219-471.
- Vieira C.O.C. 1955. Lista remissiva dos mamíferos do Brasil. *Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo* 8(11): 341-474.
- Vieira T.B.; Mendes P.; Coutinho R.Z.; Oprea M. e Ditchfield A.D. 2008. New records for three species of the genus *Myotis* Kaup for the state of Espírito Santo, Brazil. *Chiroptera Neotropical* 14(2): 415-418.
- Wetterer A.L.; Rockman M.V. e Simmons N.B. 2000. Phylogeny of phyllostomid bats (Mammalia, Chiroptera): data from diverse morphological systems, sex chromosomes, and restriction sites. *Bulletin of the American Museum of Natural History* 248: 1-200.
- Williams S.L. e Genoways H.H. 2008. Subfamily Phyllostominae Gray 1825. In: *Mammals of South America*, vol. 1: marsupials, xenarthrans, shrews, and bats (editado por Gardner A.L.), p. 255-300. University of Chicago Press, Chicago. (Datado de 2007, mas publicado em 2008).
- Wilson D.E. 2008. Genus *Myotis* Kaup, 1829. In: *Mammals of South America*. Vol. 1. Marsupials, xenarthrans, shrews, and bats (editado por Gardner A.L.), p.468-481. University of Chicago Press, Chicago. (Datado de 2007, mas publicado em 2008).